



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
IF SERTÃO PE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA.**

CÍNTIA LOPES SOARES GOMES DE SÁ

**ANCESTRALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA INVESTIGAÇÃO
SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE ITACURUBA,
PERNAMBUCO, BRASIL.**

**Salgueiro, PE
2023**

CÍNTIA LOPES SOARES GOMES DE SÁ

**ANCESTRALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA INVESTIGAÇÃO
SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE ITACURUBA,
PERNAMBUCO, BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Salgueiro do IFSertãoPE, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Erbs Cintra de Souza Gomes

Salgueiro, PE

2023

S111 Sá, Cíntia Lopes Soares Gomes de.

Ancestralidade e Formação de Professores : uma Investigação sobre a Educação Escolar Quilombola do Município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil / Cíntia Lopes Soares Gomes de Sá. - Salgueiro, 2023.

89 f. : il.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica) -Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Salgueiro, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Erbs Cintra de Souza Gomes.

1. Educação. 2. Ancestralidade. 3. Formação de professores. 4. Educação escolar quilombola. 5. Currículo. I. Título.

CDD 370

CÍNTIA LOPES SOARES GOMES DE SÁ

**ANCESTRALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA INVESTIGAÇÃO
SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE ITACURUBA,
PERNAMBUCO, BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo
IFSertãoPE, como requisito parcial para obtenção do título de
Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 29 de agosto de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Erbs Cintra de Souza Gomes
Instituto Federal do Sertão Pernambucano - IFSertãoPE
Orientador

Prof. Dr. Gabriel Kafure da Rocha
Instituto Federal do Sertão Pernambucano - IFSertãoPE
Membro Interno

Profa. Dra. Zélia Maria Xavier Ramos
Faculdade de Petrolina
Membro Externo



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO PERNAMBUCANO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - PROFEPT

Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, 29 de agosto de 2023.

Aos vinte e nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três, às dezenove horas e trinta minutos, através do *meet* (link: <https://meet.google.com/oab-xwpc-wrg>), teve início a defesa de dissertação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProFEPT), intitulada "Ancestralidade e formação de professores: uma investigação sobre a educação escolar quilombola do município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil", orientada pela professor Dr. Erbs Cintra de Souza Gomes, da candidata Cíntia Lopes Soares Gomes de Sá, a qual já havia preenchido anteriormente as demais condições exigidas para a obtenção do grau de mestrado. A Banca Examinadora, composta pelo orientador Prof. Dr. Erbs Cintra de Souza Gomes e pelos professores Dr. Gabriel Kafure da Rocha (Membro Titular Interno IFSertãoPE), Dra. Zélia Maria Xavier Ramos (Membro Titular Externo – Faculdade de Petrolina), sendo o primeiro, presidente da banca examinadora, decidiu: **APROVAR** o trabalho mediante a entrega obrigatória da versão final da dissertação com as devidas correções propostas pelos examinadores no prazo de 30 dias. Na ocasião, a banca validou também o Produto Educacional resultante do trabalho. E para constar lavrei a presente ata que vai por mim assinada e pela Banca Examinadora.

Salgueiro, 28 de agosto de 2023.

Dra. Cristiane Ayala de Oliveira (Coordenadora do ProFEPT/IFSertãoPE)

Dr. Erbs Cintra de Souza Gomes ProFEPT/IFSertãoPE - Presidente da Banca

Gabriel Kafure da
Rocha: 05655804425

Identificação do Membro Titular Interno do ProFEPT/IFSertãoPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, 29 de agosto de 2023. O Membro Titular Interno do ProFEPT/IFSertãoPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, 29 de agosto de 2023. O Membro Titular Interno do ProFEPT/IFSertãoPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, 29 de agosto de 2023.

Dr. Gabriel Kafure da Rocha ProFEPT/IFSertãoPE - Membro Interno

Dra. Zélia Maria Xavier Ramos - Faculdade de Petrolina - Membro Externo

[] O aluno entregou as correções. Em: ____ / ____ / ____ (Secretaria/Carimbo)

[] O aluno não entregou as correções. Em: ____ / ____ / ____ (Secretaria /Carimbo)

Ao meu amado pai Urbano Felix Soares (in memoria) por me amar incondicionalmente, pelo carinho demonstrado durante sua estadia terrena, pelas palavras de esperança que sempre professava, por sempre acreditar que eu poderia chegar aonde quisesse, por nunca me deixar desistir, pelo sorriso fácil, encantador e alegre que irradiava. Saudades Eternas.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por me conceder o dom da vida, trilhando meu caminho segundo seus designios.

Ao IF Sertão PE, por possibilitar a realização do sonho do mestrado, concretizando riquíssimas experiências através do trabalho qualitativo durante esta jornada;

A minha turma, que mesmo nos encontrando virtualmente, compartilhamos e construímos experiências ímpares, provando que o conhecimento e os laços de amizades podem superar fronteiras físicas;

Ao orientador Prof. Dr.^o Erbs Cintra de Souza Gomes, por ter apoiado este importante trabalho e acreditado em seu relevante potencial para educação. Cumpriu com respeito, seriedade e capacidade técnica científica a orientação.

A Prof^a Me. Ana Patrícia Vargas Borges pela amizade, apoio, respeito e contribuição, pelo rigor do pensamento, partilhando o seu conhecimento com atitude e muita clareza.

A Marcos Henrique da Silva Alves Carvalho, aluno do Curso de Gestão de Tecnologia da Informação do IF Sertão PE, Campus Floresta, pelo apoio na construção do Ebook com exímio trabalho qualitativo.

Meus eternos agradecimentos aos membros das comunidades quilombolas da Ingazeira, Negros de Gilú e Poço dos Cavalos, que juntamente comigo abraçam essa causa tão importante sobre a necessidade de repensar a formação de professores na educação escolar quilombola. Dona Valdeci, Seu Zenon, Dilma, Denilson, Edna Inês, Cleice Onária, Magnólia, Maria Rosiclaudia, Sônia e Soneide, gratidão eterna;

Meus agradecimentos às instituições que contribuíram com a pesquisa, Secretaria Municipal de Educação de Itacuruba PE-Brasil, por possibilitar o acesso necessário à pesquisa de campo e a informações relevantes.

Externo o sentimento de amor e gratidão à minha família, pois sem ela não teria reunido as condições emocionais necessárias para realizar esse trabalho. Em especial, ao meu esposo Marcos e meus filhos, que sempre me motivaram, ao meu amado neto Jeanzinho por fazer brilhar minha vida com sua existência, a minha mãe Zenilda pelos ensinamentos diários e as minhas irmãs por fazerem parte da minha vida. A realização desse sonho tem um pouco de cada um de vocês.

RESUMO

A história e a cultura das comunidades quilombolas são ricas e diversas, todavia, muitas vezes, marginalizadas e excluídas dos espaços de educação formal. Quando falamos em educação para essa população, estamos nos referindo à luta pela valorização da identidade, do conhecimento tradicional e do direito à igualdade de oportunidades. O trabalho intitulado, "Ancestralidade e Formação de Professores: Uma Investigação sobre a Educação Escolar Quilombola do Município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil", investigou a educação escolar quilombola na cidade de Itacuruba, Pernambuco, Brasil, abordando questões relacionadas ao currículo, formação de professores, práticas pedagógicas, desafios enfrentados e desenvolvimento deste povo tradicional. Como suporte metodológico, adotou-se a opção por estudos do tipo etnográfico de natureza qualitativa, através dos instrumentos descritos a seguir: entrevista semiestruturada individual, questionários socioeconômicos e rodas de conversas. A pesquisa concluiu que a formação de professores do ensino regular quilombola, precisa ser repensada e que a valorização da ancestralidade é essencial para o desenvolvimento das comunidades. O trabalho também destacou a importância de estratégias pedagógicas contextualizadas e interdisciplinares para resgatar a identidade e memória desses grupos. A pesquisa foi conduzida com a participação de representações dos quilombos da Ingazeira, Negros de Gilú e Poços dos Cavalos. Os resultados têm o potencial de contribuir para a melhoria da qualidade da educação escolar quilombola no município de Itacuruba e em outras comunidades semelhantes.

Palavras-Chave: ancestralidade, formação de professores, educação escolar quilombola, currículo.

ABSTRACT

The history and culture of quilombola communities are rich and diverse, however, they are often marginalized and excluded from formal education spaces. When we talk about education for this population, we are referring to the struggle to value identity, traditional knowledge and the right to equal opportunities. The work entitled, "Ancestry and Teacher Training: An Investigation into Quilombola School Education in the Municipality of Itacuruba, Pernambuco, Brazil", investigated quilombola school education in the city of Itacuruba, Pernambuco, Brazil, addressing issues related to the curriculum, training of teachers, pedagogical practices, challenges faced and development of this traditional people. As a methodological support, the option for ethnographic studies of a qualitative nature was adopted, using the instruments described below: individual semi-structured interviews, socioeconomic questionnaires and conversation circles. research concluded that the training of quilombola regular education teachers needs to be rethought and that valuing ancestry is essential for the development of communities. The work also highlighted the importance of contextualized and interdisciplinary pedagogical strategies to rescue the identity and memory of these groups. The research was conducted with the participation of representations from the quilombos of Ingazeira, Negros de Gilú and Poços dos Cavalos. The results have the potential to contribute to improving the quality of quilombola school education in the municipality of Itacuruba and other similar communities.

Keywords: ancestry, teacher training, quilombola school education, curriculum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Local onde residem;

Figura 2: Autoidentificação de gênero;

Figura 3: Faixa etária;

Figura 4: Tempo que lecionam.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

CEP - Conselho de Ética e Pesquisa

CNE – Conselho Nacional de Educação

EBTT- Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IF SERTÃO PE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano

MEC – Ministério da Educação

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	15
1.1Revisitando minhas memórias.....	15
2.INTRODUÇÃO.....	20
2.1.2 OBJETO DA PESQUISA	20
2.1.3 Uma história escrita com os registros de identidades.....	20
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
3.1.1 Um olhar acerca da Educação Escolar quilombola	23
3.1.2 A construção do conhecimento como um caminho a percorrer na transformação da realidade	24
3.1.3 A Identidade Cultural.....	26
3.1.4 A comunidade quilombola	28
3.1.5 A comunidade quilombola de Ingazeira, Itacuruba, Pernambuco.....	30
3.1.6 A comunidade quilombola de Negros de Gilú, Itacuruba, Pernambuco.....	30
3.1.7 A comunidade quilombola de Poços dos Cavalos, Itacuruba, Pernambuco.....	31
3.1.8 A formação docente para multiculturalidade.....	32
4 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	35
4.1 Obejtivo Geral....	35
4.2 Objetivos Específicos.....	35
5 METODOLOGIA	36
5.1 Localização do estudo.....	37
5.1.2 Riscos e desconfortos aos participantes.....	40
5.1.3 Considerações Éticas.....	42
5.1.4 Técnicas de coleta de dados.....	43
5.1.5 Método de análise dos dados.....	44
5.1.6 Procedimentos da pesquisa.....	45
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
6.1 Dados gerais.....	47
6.1.2 Memórias afetivas: o resgate da ancestralidade através da relação família escola e comunidade.....	49
6.1.3 A visão do ser quilombola nas comunidades de Itacuruba, Pernambuco, Brasil.....	55
6.1.4 A formação dos professores: reflexões necessárias sobre os currículos adotados no município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil.....	59

6.1.5 A importância da Educação Escolar Quilombola em Itacuruba: Conquistas e Desafios para além das salas de aulas.....	70
7 PRODUTOS FINAIS	78
7.1 EBOOK	79
8 CONCLUSÃO.....	80
9 REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICES.....	84
ANEXOS	

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Revisitando minhas memórias.

“As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas”.

MARIELLE FRANCO

Grande é o desafio de revisitar o passado num momento que a maturidade, que me outrora faltava, tem impulsionado reflexões do percurso trilhado até aqui. Muitos porquês ainda precisam ser respondidos, mas o fato é que aquele misto de sentimentos e sensações do passado hoje encontram acondicionadas num potinho chamado conhecimento, condição indispensável para a construção de nossa identidade enquanto sujeitos crítico, ativo e consciente.

Sou natural de São Bernardo do Campo SP, onde nasci em agosto de 1976. Cresci junto à minha família (pais e irmãs). Como sou filha de pernambucanos, e família era primordial para eles, resolveram em 1991 voltar para a cidade de Floresta PE, localizada no Sertão do Submédio São Francisco. Essa mudança de cidade e estado foi muito dolorosa, pois tinha desenvolvido parte significativa da minha vida na minha cidade natal. Tinha muitos laços de amizade, que ao lembrar, aperta o peito e as lágrimas inundam meu rosto. Atualmente, resido em Floresta, sou casada, mãe de dois filhos e avó de um neto lindo e abençoado, que é motivo de extrema alegria para toda família.

A educação em minha casa sempre foi prioridade, mesmo com as incertezas econômicas do final dos anos 80. Meu pai possuía o ensino fundamental incompleto e trabalhou como metalúrgico na TRW Automotive Ltda durante 17 anos, fez muitos cursos técnicos, que o capacitava para desenvolver seu trabalho excelentemente. Era função dele o sustento da família como homem sertanejo, honesto e lutador. Conheceu as lutas dos metalúrgicos, viveu a repressão da Ditadura Militar nas greves comandadas por Lula em união com os metalúrgicos do ABCD. Lula era peça chave em busca de direitos, democracia e liberdade. Minha vida na infância sempre foi ligada a estas questões. A escola que estudava, Escola Estadual Mário Martins de Almeida em SBC-SP, era uma escola que tinha muitos filhos de metalúrgicos, inclusive Lula morava na mesma rua e seu filho Sandro era colega de turma da minha irmã Cristiane. Presenciei muitos diálogos no Sindicato dos Metalúrgicos, onde acompanhava meu pai, participando dos sentimentos de angústias e alegrias da categoria... Em 2009 ele faleceu, aos 56 anos partiu deixando seus planos no meio do caminho. Seu legado, espírito de luta e amor

jamais foi esquecido. Minha trajetória de vida está marcada para sempre com seus ensinamentos. Minha mãe tinha o ensino fundamental completo e era do lar, sua função resumia-se a dedicar-se as filhas e ao marido, por isso nunca trabalhou remuneradamente. Hoje, vive na fazenda onde se dedica a cuidar dos animais. Um lugar sossegado, que possui a beleza dos dias do sertanejo, próxima aos familiares dela, como sempre sonhou.

Em 1992, iniciei o Magistério na Escola Estadual Deputado Afonso Ferraz, onde comecei a me apaixonar pela profissão docente. Os anos no ensino médio foram de muito amadurecimento, passando por um momento natural de vislumbre pela transição do ensino fundamental para o médio, até o ponto de completa imersão nas atividades escolares, onde soube explorar a forte tradição na área de humanas. Ao término do Magistério, não ingressei na graduação, pois trabalhava como professora contratada e posteriormente concursada, 1996.

Ingressei no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Pernambuco-UPE, inspirando-me cada vez mais com a docência. Costumo dizer que, a graduação abriu todas as portas profissionais da minha vida. Foi fantástico descobrir o estado da arte e desvendar os mistérios e inquietações que pairavam na minha mente. Tive professores fantásticos, que mediatizaram o desenvolvimento de um olhar holístico, de crescimento pessoal e profissional circunstanciado, levando as melhores condições de sobrevivência neste universo de incertezas. Em 2002 conclui minha primeira graduação e realizei o sonho da minha vida.

Em 2003, ingressei na minha primeira Pós-Graduação Lato Sensu, especializando-me em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco-UPE. O desafio foi grande, pois estava em um outro universo, vivenciando uma nova etapa, além da graduação. Sempre gostei de estudar e cada vez mais fui enredando-me na vontade de descobrir e aprender continuamente.

Esse processo de formação foi pautado numa vivência qualitativa, mais que quantitativa. Como produto educacional, realizei o trabalho monográfico intitulado “Revendo perspectivas: Uma análise crítico-reflexiva do processo avaliativo”. Foi realizado pesquisas de campo em duas escolas, sendo uma da zona rural e outra da zona urbana do município de Floresta. Entrevistas, observações e atividades foram os instrumentos metodológicos para nortear a escrita através dos documentos utilizados in loco.

Em 2006, ingressei na segunda Pós-graduação Lato Sensu, especializando-me

em Gestão e Planejamento Educacional, onde explorou-se o processo educacional a partir da administração escolar. Como produto educacional, realizei o trabalho monográfico intitulado “Gestão democrática: uma análise crítica- reflexiva da experiência e dos limites da escola”.

Em 2021, ingressei na terceira Pós-graduação Lato Sensu, estou especializando-me em Educação a Distância pela UNIMAIS Faculdade Educamais. O intuito de adentrar nesse viés, se deve a questão da pandemia de COVID 19 e a necessidade de buscar cada vez mais aparato tecnológico diferenciado, através de metodologias ativas para vivência qualitativa de atividades diversificadas nas aulas remotas. Despertou-me um desejo de me encontrar, pedagogicamente, através desse novo desafio do fazer pedagógico, pautado pela premissa de vivência da cidadania planetária.

A formação docente é um dos mais importantes assuntos que tenho me dedicado nos últimos anos. Vivenciei experiências educacionais diversas na educação infantil, médio, superior e pós-graduação.

Em 1996, prestei o concurso da Prefeitura Municipal de Floresta-PE, para professor, e fui aprovada. Tive experiências educacionais nas redes privadas no ensino fundamental, superior e pós-graduação de 2003 a 2006.

Em 2004, prestei o concurso da Prefeitura Municipal de Itacuruba, para professor e obtive êxito. A cidade de Itacuruba tem mais de 250 famílias quilombolas, é um município com menos de 5 mil habitantes, que se localiza a 30 quilômetros de Floresta PE. Em 2007, prestei o concurso do Estado de Pernambuco, para professor e obtive êxito. Em 2008, prestei concurso para técnico em assuntos educacionais do Estado de Pernambuco, sendo aprovada.

Trabalhava no Curso Normal Médio da Escola Estadual Maria de Menezes Guimarães, onde era de minha responsabilidade a formação destes professorados (termo usado na época para os alunos do Normal) através das diversas disciplinas Didáticas e Estágios que ministrava que transformaram-se em vários projetos exitosos, sem considerar quem eram esse alunos. Era uma época de sonhos que achava que como docente estava fazendo o melhor. Tinha o entusiasmo de quem inicia a primeiras lições e vai se descobrindo.

Em 2009, prestei concurso para professor EBTT IF Sertão PE, obtendo êxito, lecionando desde então no Curso de Licenciatura em Química no Campus Floresta até os dias atuais. Fui coordenadora do Curso de 2016 a 2023.

Literalmente, a ficha caiu, quando fui aprovada no IF Sertão PE e em dezembro de

2009 tomei posse no Campus Floresta. Com o passar do tempo enxerguei que existia um universo de conhecimentos inquietantes que estava além dos saberes didáticos-pedagógicos que tinha aprendido no Curso de Pedagogia da UPE e nas especializações.

Fui voluntária e coordenadora de área PIBID de 2011 a 2018. As atividades do PIBID no IFSERTAO-PE/Campus Floresta contribuíram substancialmente para a divulgação da Química, como ciência e disciplina, para a comunidade discente das quatro escolas parceiras, assistindo mais de 500 alunos do ensino médio da cidade de Floresta. Colaborei no Programa Residência Pedagógica de 2018 a 2020.

A melhoria da prática pedagógica dos bolsistas de ambos, PIBID e Residência Pedagógica, podiam ser percebidas em atividades diárias, como no planejamento de aulas e experimentos, na regência de aulas, na participação de atividades em equipe, na pontualidade, assiduidade e comprometimento com os projetos em que estavam vinculados. Dessa forma, a atuação fomentou o estímulo à prática docente e a divulgação da ciência aos alunos do ensino médio e comunidade discente local.

Fui coordenadora do Curso de Licenciatura em Química do IF Sertão PE – Campus Floresta de 2016 a 2023. Esses desafios e reflexões foram suscitadas pela ideia de FREIRE (2002) que afirma:

“A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital.” (p.118)

Com tempo essa inquietação foi aumentando, e comecei a pesquisar sobre a temática em questão. Ao tempo que ia conquistando propriedade, concomitantemente, buscava mestrados que aceitassem trabalhar com educação escolar quilombola, as vezes aprovada em todas as etapas, mas no final não era classificada, fato que foi verbalizado inclusive por um orientador a minha pessoa dizendo que não tinha coragem de trabalhar com essa temática. Foi quando senti que o preconceito começa dentro da própria universidade.

Quando fui aprovada no Mestrado PROFEPT, foi um misto de alegria e apreensão, tudo que novo nos desafia. Com o decorrer do curso descobri que ali, surgiria a oportunidade de realizar essa pesquisa, que tenho um profundo sentimento de pertencimento. Foi como se tivesse estado na inércia durante um longo tempo e de repente abriu-se um horizonte que me levaria cada vez mais a ser afetada em busca da educação das relações étnicos raciais, que incluem a educação quilombola e a educação escola quilombola.

A abrir a porta do passado mostrou o quão desafiador e sofrido foi chegar na contemporaneidade, muitas alegrias e tristezas me levaram a superação. Se um dia meus sabotadores intrínsecos e extrínsecos me estremeceram, hoje estou mais forte para viver um dia de cada vez, superando as minhas expectativas diariamente. O que foi um tempo importante na construção dessas narrativas ontológicas do eu. E, comparativamente, observo que em tudo existe um propósito divino que determina o tempo, mesmo diante de nossas angustias e incertezas, das coisas aconteceram, confirmando desse modo em Eclesiastes e portanto cito:

“Para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu: tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou” (Eclesiastes 3:1-2).

A viagem histórica dentro na minha própria vida, utilizando uma linha de tempo, que só o protagonista é capaz e rever, trajetória que por vezes trouxe alegrias e outras tristezas. Muitas coisas ficam guardadas no fundo da “caixinha”, esperando para aflorar conforme motivações e gatilhos. O fato que é “descobri” que, a pessoa que sou hoje, deveu-se a esta linha do tempo que se mistura através de olhares, contextos e problematizações.

2. INTRODUÇÃO

OBJETO DA PESQUISA

1.1.2 Uma história escrita com os registros de identidade

Os quilombos no Brasil constituem um fenômeno histórico e político que atravessa a construção da nação brasileira e diz respeito à diáspora africana, ao racismo no Brasil, aos processos de resistência negra, bem como a cosmologias e territorialidades que compõem especificidades afro-brasileiras. Contemporaneamente, a educação passou a integrar as análises relativas aos quilombos, sobretudo a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (Resolução CNE/CEB Nº 08/2012 (Brasil, 2012b).

A população quilombola do país é de 1.327.802 pessoas, ou 0,65% do total de habitantes. Os dados são do Censo 2022, que investigou pela primeira vez esse grupo, integrante dos povos e comunidades tradicionais reconhecidos pela Constituição de 1988. Foram identificados 473.970 domicílios onde residia pelo menos uma pessoa quilombola, espalhados por 1.696 municípios brasileiros. O Nordeste concentra 68,19% (ou 905.415 pessoas) do total de quilombolas do país.

O Censo também mostrou que os Territórios Quilombolas oficialmente delimitados abrigam 203.518 pessoas, sendo 167.202 quilombolas, ou 12,6% do total de quilombolas do país. Destaca-se, ainda, que apenas 4,3% da população quilombola reside em territórios já titulados no processo de regularização fundiária.

Em 2009, na cidade de Itacuruba, Pernambuco, Brasil, existiam mais 250 famílias quilombolas cadastradas, segundo dados do Centro Luiz Freire, entretanto, passando-se os anos e com a divulgação do Censo 2022 tivemos um cenário totalmente diferente. Segundo o documento a população da cidade é de 4284 habitantes, sendo que 711 (16,6) se autoidentificaram de etnia quilombolas e 1349 se autoidentificaram de etnia indígena. Ou seja, está acontecendo uma migração da etnia quilombola para indígena. Fato este que surgiu no momento da roda de conversa entre os participantes da pesquisa e será explicitado posteriormente.

De acordo com Munanga, a expressão quilombo deriva de “quilombo, da língua banto ‘umbundo’, falada pelo povo ovimbundo, que se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar da África Central, na área atual da República Democrática do Congo(Zaire) e Angola” (RATTS, 2001: 310). Referindo-se ao conceito dessa organização na África, Freudenthal considerou “o quilombo, enquanto espaço livre inventado pelos seus fundadores, representou a recusa da escravidão e constituiu, por isso, uma subversão, ainda que limitada, da ordem colonial” (RATTS, 2001. p 311).

A formação dos professores é um fator crucial para garantir uma educação de

qualidade. No contexto de comunidades quilombolas, essa formação se torna ainda mais importante, uma vez que busca resgatar a ancestralidade dos alunos e contribuir para a sua formação em sala de aula.

A formação de professores sempre esteve presente nas inspirações pessoais desta professora e pesquisadora para a melhoria da qualidade da educação, ora como agente mediador em sala de aula, ora em formação continuada buscando novos conhecimentos para cumprir, significativamente, o papel de instigar e despertar alunos e professores na construção de novos caminhos para a inclusão e reconhecimento das identidades.

Como justificativa, este trabalho tem a intenção da realização desse estudo visa investigar como acontecem as formações de professores dentro das instituições escolares do município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil, bem como a concepção de currículo, avaliação e sociedade que permeiam seu fazer pedagógico, lembrando sempre das raízes históricas imbuídas no processo.

Muitas alternativas têm sido empregadas na busca de um processo de ensino/aprendizagem, realmente emancipatório. Cabe aqui ressaltar que, a nossa região que fica localizada na Mesorregião Sertão do São Francisco e na Microrregião de Itaparica (IBGE, 2008), com área de 3.644,15 km² e o IF Sertão PE Campus Floresta localizasse na cidade de Floresta e tem população de 30144 habitantes (Censo 2022), sendo o 5º município mais populoso da Mesorregião Sertão do São Francisco e o 2º da Microrregião de Itaparica. Vale ressaltar que mais de 50% do público de alunos são oriundos de etnias indígenas e/ou quilombolas, fazendo com que cada vez eu me identificasse com estas comunidades, sua cultura, educação e história. Conhecer o processo educacional anterior à chegada à universidade, nos forneceria elementos iniciais para reflexão dos instrumentos metodológicos oferecidos pela instituição, através do currículo, suas relações de poder, bem como a (re)produção de identidades individuais e sociais.

Considerando como objetivo investigar a formação docente dos professores das comunidades quilombolas do município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil tem contribuído para o fortalecimento da identidade quilombola dos alunos.

Como a relação de currículo desenvolvido nas comunidades tem contribuído na prática pedagógica dos docentes, fortalecendo a identidade quilombola? Uma abordagem sobre a utilização de metodologias didático-pedagógicas, inserindo na perspectiva da reflexão crítica sobre a sociedade e como eles têm cultivado seus

costumes e tradições, em meio a dinâmica de acontecimentos e conhecimentos, inovações científicas e tecnológicas, há uma inevitável necessidade de adotar eficientes estratégias pedagógicas para trabalhar conteúdos de maneira contextualizada e interdisciplinar, visando combater o esquecimento das crenças e costumes, ocultação de identidade e memórias de um povo.

A Resolução quilombola nº 8 de 2012, traz pertinentes informações sobre...:

Art. 34 O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades (BRASIL, 2012, p. 13).

É necessário saber a relação de currículo, cultura e sociedade e como desenvolvê-lo a favor de grupos e classe diversos, neste caso a população afro-brasileira de etnia quilombola. A identificação de possíveis particularidades contextuais na práxis docente quilombola poderá redirecionar o processo de construção curricular tanto na formação de professores, como na inserção cultural dos educandos.

Esse estudo se justifica-se, pois é uma oportunidade de ordem teórica e prática refletir sobre a diversidade cultural que caracteriza as escolas brasileiras. Em particular, é interessante entender como tal diversidade desafia a interculturalidade nas escolas, diante da dinâmica de discriminação étnica e racial entre os alunos. A reflexão surge de um interesse inicial de ordem pragmática em compreender como professores de escolas do sistema de educação quilombola enfrentam a diversidade cultural de alunos em contextos urbanos e semiurbanos caracterizados por processos de migração e assentamento em Itacuruba, PE.

A referida temática é de suma importância, pois a real mudança de concepção de vida e sociedade, desenvolvem-se dentro das salas de aulas. O papel do profissional da educação em comunidades quilombolas é imprescindível, minha relação com as diretrizes específicas para escolas situada nesses contextos, seguem as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Um olhar acerca da Educação Escolar quilombola

O Sertão do Submédio São Francisco é uma região que possui uma quantidade significativa de comunidades quilombolas oriundos, principalmente, dos diversos processos sociopolíticos do final do século XIX, como, por exemplo, o fim do ciclo da pecuária, a fuga de escravos das fazendas da região para áreas de difícil acesso do Sertão do São Francisco e o fim da escravidão (CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE, 2008; PEIXOTO, 2007). Dentre as diversas comunidades quilombolas do sertão pernambucano, destacam-se três comunidades localizadas no município de Itacuruba, PE, ambas localizadas no semiárido nordestino: I. Comunidade da Ingazeira; II. Comunidade Negros de Gilú, e III. Comunidade Poço dos Cavalos.

Ao considerar a relevância da contextualização histórica da formação de professores e as práticas pedagógicas quilombola no Brasil, buscamos com o presente projeto o reconhecimento do pluralismo multicultural como norteador das políticas de construção curricular, tomando como base um importante instrumento normativo que é a Resolução CNE/CEB nº 8/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola, e que estabelece:

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução. § 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - Organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas remanescentes;
- c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade (BRASIL, 2012).

É um passo na análise dos resultados da pesquisa que se situa no campo da relação entre a escola, como espaço de encontro cultural, e outros processos de construção da diferença cultural, como o racismo e a discriminação étnica. O interesse ecoa os esforços institucionais de organizações quilombolas e da sociedade civil para gerar conhecimento para orientar políticas educacionais com sentido intercultural, tomando como referência a condição do negro em na sociedade. Também faz parte de um amplo horizonte intelectual que investiga o papel da escola na transformação da cultura em sociedades com alta mobilidade geográfica e diferenciação étnica; o

enfraquecimento da cultura como referência de união (Arruti, 2017), e seu fortalecimento como fonte de divisão e fragmentação, demanda atenção institucional e acadêmica. Na ideia de que a escola é um espaço onde se pode ter impacto e uma contribuição na concretização de um encontro e comunhão entre indivíduos culturalmente diferentes.

O trabalho do professor é cercado de desafios que requerem um planejamento minucioso para atender às especificidades do processo educativo na tentativa de superação deles. A metodologia de ensino faz parte destes desafios, pois muitos educadores têm dificuldades no fazer pedagógico. Hoje, o desafio maior será encontrar os caminhos para fazer convergir às metodologias e práticas em favor da superação de problemas existentes como: racismo, preconceito, a falta de aquisição de território, a falta de políticas públicas que realmente garantam os direitos dos povos originários, formação dos professores, a infraestrutura, a vulnerabilidade da população negra.

3.1.2 A construção do conhecimento como um caminho a percorrer na transformação da realidade

Ao longo de décadas no pleno exercício da docência, o campo do Currículo na perspectiva da construção a partir de uma educação contextualizada foi algo inquietante e provocativo, que gerava sempre as mesmas indagações:

- 1) Como romper com a ideia de Currículo vista e concebida enquanto “grade”?
- 2) Como falar em reformulação curricular quando as demandas sociais/locais – em que as escolas estão inseridas – não encontram espaço para se materializar e dialogar com a realidade vivenciada?
- 3) Em que medida como contemplar/assegurar no Currículo um conhecimento vivo, humanizado e significativo, capaz de empoderar os sujeitos por ele alcançados?

Nessa perspectiva abordou-se o conceito de Currículo para além dos conteúdos disciplinares e escolarizados. Tratei uma discussão desse importante elemento articulador do processo de ensino e aprendizagem, enquanto instrumento emancipador, buscando responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola que fortalecem a identidade dos alunos?

Assim, buscou-se a concepção de Currículo e a sua concretização na prática

pedagógica das professoras e dos professores das escolas quilombolas, bem como, a relação existente entre as demandas específicas das comunidades pesquisadas e os conhecimentos priorizados nas escolas da referida etnia. Pelo quantitativo significativo de autodeclarados quilombolas e partir de quatro anos de ensino na cidade de Itacuruba, é que surgiu o desejo de um olhar mais cuidadoso e que esta pesquisa buscará – inicialmente – trabalhar a partir de duas categorias: Educação Escolar Quilombola e Educação Quilombola, buscando conceituar e diferenciar para melhor compreender as questões que já forma investigadas.

Dessa forma, pretende-se provocar momentos de ação-reflexão-ação, onde educadoras e educadores serão convidados a tematizar a sua prática e buscar emergir nas questões suscitadas pela pesquisa, a partir das seguintes referências: Evaristo, Santos, Pimenta, Freire, Souza, Leite, Andrade, Batista além outros, que possibilitam uma análise crítica das práticas docentes e sua capacidade de ressignificação teórica.

A legislação explicitada é necessária, mediante tentativa de modificar a postura presente no comportamento de certos docentes, e inserir em seus currículos a heterogeneidade cultural presente na comunidade QUILOMBOLA. Nesse sentido, Silva (2003, p.202) afirma que:

O currículo não é, pois, um meio neutro de transmissão de conhecimentos ou informações... Ao determinar quem está autorizado a falar, quando, sobre o quê, quais conhecimentos são autorizados, legítimos, o currículo controla, regula, governa. Portanto, é primordial entender que a prática só tem sentido quando o (a) professor (a) consegue proporcionar mecanismos que leve o (a) educando (a) a construir conhecimentos em todas as áreas do saber.

Mesmo sendo uma tarefa árdua, compreendo que é papel da escola considerar as diferenças étnicas de seus estudantes e reconhecer os valores culturais que carregam consigo, para integrá-los à educação formal, tanto pela via do currículo formal quanto pela via do currículo praticado.

Para Videira (2013, p.379):

Os desafios em propor novas metodologias para o ensino para trabalhar com as relações étnico-raciais, a escola necessita de um quadro de professores estáveis de preferência da comunidade, seguindo o artigo 48 da Resolução quilombola “a Educação Escolar Quilombola deverá ser conduzida, preferencialmente, por professores pertencentes às comunidades quilombolas.

Segundo Munanga (2004) a identidade pessoal afro-brasileira é entendida como autocompreensão:

A construção dessa nova consciência não é possível sem colocar no ponto de partida a questão da autodefinição, ou seja, da autoidentificação dos membros do grupo em contraposição com a identidade dos membros do grupo “alheio”.

Uma tal identificação – (“quem somos nós?” – “de onde viemos e aonde vamos?” – “qual é a nossa posição na sociedade?”; “quem são eles?” – “de onde vieram e aonde vão?” – “qual é a posição deles na sociedade?”) – vai permitir o desencadeamento de um processo de construção de sua identidade ou personalidade coletiva, que serve de plataforma mobilizadora (MUNANGA, 2004, p. 14).

Dentro dessa perspectiva, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: O processo de construção/organização curricular está fortalecendo a ancestralidade e a identidade quilombola de alunos de escolas em Itacuruba-PE?

3.1.3 A Identidade Cultural

Este tópico surge da investigação dos significados da cultura quilombola nas escolas brasileiras, a partir de uma educação que busca novas formas de identidade. Portanto, o espaço da interculturalidade, como processo educativo, responde à busca pelo reconhecimento de diferentes identidades sociais e culturais, à consideração de que existem diferentes formas de ver e perceber o mundo e a renovação das práticas pedagógicas que levam à inclusão de novos conhecimentos e novas práticas culturais. A interculturalidade faz parte da história das culturas, está dentro dessa história e não fora do diálogo de uma cultura com outra. Uma pedagogia intercultural terá de começar por alargar a forma como nós vemos nos mesmos; temos que ser responsáveis pelos danos que isso significou ao Estado nacional com seu modo homogêneo de educar para uma vida uniforme, que ignora a diversidade das memórias históricas deste país (SAUL, 2002).

O debate sobre a identidade se desenvolve por meio de um processo histórico de muitos aspectos e diversas posições epistemológicas, que buscam mostrar seu valor e sua dimensão operacional. Ao pesquisarmos sobre o significado da identidade, encontramos uma posição essencialista, imbuída da concepção lógico-matemática, na qual uma coisa é o que é, em outras palavras, a redenção da igualdade do objeto consigo mesmo, que ele chama de mesmice (SAVATER, 1997).

Do campo da Psicologia, outra dimensão definidora da identidade, na medida em que ela é concebida como processo de evolução pessoal, em que o sujeito permanece o mesmo, apesar das diferentes mudanças que estão operando em seu desenvolvimento. Atualmente, nas ciências sociais, há um debate contra a concepção de identidade. Esta categoria está relacionada a propostas contra o Estado, à nação, aos imaginários, aos movimentos e grupos, formando a denominação do "coletivo". Assume-

se que a identidade é dinâmica por natureza, gerando uma tensão entre permanência e mudança, estabelecendo um diálogo incessante no futuro da identificação, é uma busca, uma construção social, que inevitavelmente requer o outro, a alteridade, a alteridade (SAUL, 2002). O Estado produz a homogeneização na sociedade.

As identidades são construídas através da diferença, não a partir dela. Isso implica a admissão radicalmente perturbadora de que o significado "positivo" de qualquer termo - e com ele sua "identidade" - só pode ser construída na relação com o outro, a relação com o que ele não é, com o que precisamente lhe falta, com o que tem sido chamado de seu fora constitutivo (SAVATER, 1997).

Dessa forma, construir identidade é se referir ao outro naquela percepção coletiva do "nós", onde os outros também estão presentes. A identidade, nesse sentido, pressupõe um "horizonte comum", seja individualmente ou no coletivo. Portanto, a construção de identidades acarreta rupturas, rearranjos, alterações, que significam, por sua vez, compartilhar ideologias, atitudes, representações sociais, objetivos, valores e sentimentos. Mas esse processo não pode ocorrer sem o outro, a construção social (seja individual ou coletivo), por nenhuma razão pode ser uma situação isolada; pelo contrário, se inscreve nas profundezas das relações sociais e históricas de uma determinada cultura. Traduzindo o exposto, as identidades culturais também são fabricadas num novelo de inter-relações, ligações frutíferas, alternativas possíveis, onde o imaginário, a estranheza, a legitimidade, os entendimentos e conflitos, fazem o outro aparecer, abrindo diferença como caminho promissor para as práticas dos encontros humanos (SAUL, 2002).

A questão norteadora para realizar um processo interpretativo dos documentos de Paulo Freire (1999, p110), é o seguinte: Quais são as relações entre a identidade cultural dos sujeitos da educação e da prática educativa? Esta é uma questão que, segundo Paulo Freire (1998, p51), prevalece: "É que a identidade das disciplinas tem a ver com as questões fundamentais do currículo, tanto o oculto quanto o explícito, e obviamente com questões de ensino e aprendizagem".

Antes de chegar à análise concreta desta exposição, é necessário fundamentar alguns conceitos prévios que permitem entrar no assunto com maior segurança. Um desses conceitos é o de identidade. Segundo Freire (1998), a identidade é um processo histórico concomitante ao desenvolvimento da espécie; neste passeio filogenético, é onde homens e mulheres delineiam suas individualidades.

Ao longo de uma longa história, conseguimos deslocar o ponto de decisão de

muito do que somos e do que fazemos individualmente para nós mesmos, embora dentro da engrenagem social sem a qual nem seríamos o que estamos sendo. Em última análise, não somos apenas o que herdamos não só o que adquirimos, mas a relação dinâmica e processual do que o que herdamos e o que adquirimos. Portanto, a identidade é esse caminho, esse processo histórico-social em sua direção ao humano. É tornar-se o que você é, sem esgotá-lo (SAUL, 2002).

Somos, portanto, o produto de duas heranças: aquela que contribui com a espécie, mas, ao mesmo tempo, com aquela fornecida pelo ventre cultural. Paulo Freire, para desenvolver esta tese apoia-se em um dos grandes geneticistas da época, em François Jacob, de quem cita: «Somos programados, mas para aprender»; essa programação não é determinante, mas uma possibilidade de remodelar o mundo natural em benefício da construção humana (FREIRE, 1999).

Dessa forma, a construção da liberdade neste jogo de intersecção entre o natural e o que é adquirido é possível na medida em que não estamos determinados com as forças insuperáveis do destino, pelo contrário, essa construção de liberdade é marcada pelos espaços culturais construídos pelo enredo social, político, ideológico e cultural que condiciona a forma de olhar o mundo (FREIRE, 1998).

3.1.4 A Comunidade quilombola- o reconhecimento.

A comunidade quilombola sempre foi ameaçada de expropriação de suas terras, e por décadas lutam pelo direito a ter suas propriedades reconhecidas conforme garantido pelo Artigo 68 da Carta Magna de 1988, assim o desenvolvimento da agricultura familiar, bem como os incentivos de políticas públicas para a agricultura nessa região tem ligação direta com a identidade cultural quilombola e a luta pela terra (CRISPIM, 2018).

Comunidades negras rurais, agora conhecidas como comunidades remanescentes de quilombo, formados principalmente por famílias camponesas, participaram do debate em torno da construção dos direitos da Afrodescendentes e acesso a esses direitos devido ao seu passado escravocrata (GOMES, 2019).

A instituição do direito à terra e ao território para as comunidades quilombolas, é fruto de um processo de luta política, conquistas e demandas dos movimentos negros organizados no Brasil. Na década de 1980, o movimento negro passou a atuar junto às comunidades negras rurais nas regiões brasileiras. Foi um momento em que se viveu uma conjuntura política de valorização da "história negra", que possibilitou a

promulgação do artigo 68 dos Atos das Disposições Nacionais Transitórias (ADCT) do Constituição Federal de 1988 (CRISPIM, 2018).

No final da década de 1990, a partir do trabalho de conscientização sobre a direito à terra e território realizado pela Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes (AACADE), a "questão quilombola" tornou-se um problema territorial. O quilombo começou a reivindicar parte das comunidades negras rurais, que passaram a se organizar em movimentos e exigir a garantia dos territórios tradicionalmente ocupados por eles. Paralelamente, o Estado iniciou um longo processo de modificação da legislação em torno da questão quilombola, dando origem ao procedimento de regularização dos territórios ocupados por essas comunidades tornou-se cada vez mais complexo (GOMES, 2019).

A partir do século XX, graças aos movimentos negros e estudos socioeconômicos antropológicos, a questão quilombola e seu significado sociocultural, foi realocada em contexto nacional brasileiro. Reverberando no cenário político, começaram a surgir ações de reconhecimento e políticas intervenientes por parte do Estado Federal. O surgimento das reivindicações do direito ao território quilombola, deu origem a um novo significado do conceito de quilombo e a visibilidade inúmeras comunidades negras rurais em todo o Brasil. Todo esse movimento teve estimularam no aumento das políticas públicas para inclusão da questão quilombola nas diretrizes curriculares das escolas brasileiras (CRISPIM, 2018).

3.1.5 A comunidade quilombola de Ingazeira, Itacuruba, Pernambuco

A comunidade da Ingazeira tem aproximadamente 30 famílias. Está localizada a 25 km da sede do município de Itacuruba, nas margens da BR 316. Na comunidade todos são parentes e se originam de seu João Preto (*in memoriam*). Seu João Preto trabalhou na Fazenda Fortaleza onde viveu com sua mãe, constituiu família e conseguiu comprar as terras onde hoje está a comunidade. Na comunidade o proprietário é a família de Seu João, mas todos podem usar a terra para seu próprio sustento. No quilombo Ingazeira todas as pessoas são parentes. Na comunidade ninguém é dono de nenhum pedaço de terra, exceto seu João, que é proprietário de todas as terras. Qualquer pessoa da comunidade pode usá-las para seu sustento. Com o tempo, a família foi crescendo e as terras diminuindo, de modo que muitos filhos e filhas de João Preto saíram da comunidade para morar em grandes centros como São Paulo e Recife. O quilombo da

Ingazeira foi certificado pela Fundação Cultural Palmares em 2004. “A falta de regularização do território tradicional quilombola de Ingazeira tem colocado em risco o direito de posse da comunidade”. (CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE, 2008, p. 48)

O Quilombo Ingazeira, em Itacuruba-PE, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

FCP – Fundação Cultural Palmares

Nome Atribuído: Quilombo Ingazeira

Localização: Itacuruba-PE

Processo FCP: Processo nº 01420.000082/2006-16

Certificado FCP: Portaria nº 38930, de 39056

Quilombos certificados (2020)

3.1.6 A comunidade quilombola de Negros de Gilú, Itacuruba, Pernambuco

Os quilombolas Negros de Gilú habitam hoje a área urbana do município de Itacuruba, PE. São aproximadamente 200 famílias. O nome da comunidade faz referência a Dona Gilú, uma negra de muitos filhos, a quem as pessoas identificavam como “negros de Gilú”. Porém, há na comunidade quem prefira a denominação “Negros de Isidoro” porque a história da comunidade relaciona-se fortemente com a história da família Isidoro, especialmente do casal Antônio Isidoro e Maria Rufino da Conceição de quem teria descendido toda comunidade. Por conta da inundação da velha Itacuruba pelas águas que formaram o lago da hidrelétrica Luiz Gonzaga, compulsoriamente o grupo foi deslocado pela CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) para várias regiões, separando-os não só da terra em que viviam, mas também uns dos outros. Hoje é no alto da Caixa d’água, um bairro na periferia de Itacuruba. A luta pela terra e consequentemente sua conquista, é para os Gilús a certeza da continuidade do grupo e a possibilidade de autonomia e prosperidade (CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE, 2008, p. 51).

O Quilombo Negros de Gilú, em Itacuruba-PE, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

FCP – Fundação Cultural Palmares

Nome Atribuído: Quilombo Negros de Gilú

Localização: Itacuruba-PE

Processo FCP: Processo nº 01420.000285/2002-71

Certificado FCP: Portaria nº 38534, de 19/04/2005

Quilombos certificados (2020)

(Referência e Informações: <https://www.ipatrimonio.org/itacuruba-quilombo-negros-de-gilu/#!/map=38329&loc=-8.714040069950512,-38.69481745119593,17>)

3.1.7 A comunidade quilombola de Poços dos Cavalos, Itacuruba, Pernambuco

A origem do quilombo Poço dos Cavalos está fortemente marcada pela inundação de seu território tradicional por conta da construção da barragem de Itaparica. Está situada a 12 km da sede do município de Itacuruba e tem aproximadamente 20 famílias. Poço dos Cavalos é uma comunidade que inicia o seu processo de organização e conta sua história, considerando o antes e o depois da construção da barragem. Segundo os mais velhos, as principais referências resultam da forte relação dos quilombolas de Poço dos Cavalos com os povos indígenas da região: os Tuxá da Ilha da viúva (Rodelas), os Pankararus de Brejo dos Padres (Petrolândia) e os Pankarás da Serra do Arapuá (Carnaubeira da Penha), com os quais mantêm relações sociais, religiosas e de parentesco. Apesar do seu território ter sido “levado com águas”, a comunidade afirma que a memória, os saberes e sua história- mantida pelos mais velhos- asseguram a identidade quilombola de Poço dos cavalos e os fortalece como sujeitos políticos na luta por seus direitos. Hoje a comunidade se organiza em quatro localidades que fazem parte do território: Coité, Riacho do Caroá, Lagoa Cercada e Poços dos cavalos. O quilombo tem enfrentado vários problemas graves de invasão de terras por pessoas da região, não pertencentes ao grupo. É no enfrentamento dessas questões, além das consequências das invasões, vendas, desapropriações e indenizações por conta do projeto da barragem de Itaparica, que a comunidade vai configurando a ocupação do seu atual território (CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE, 2008, p. 54).

O Quilombo Poço dos Cavalos, em Itacuruba-PE, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

FCP – Fundação Cultural Palmares

Nome Atribuído: Quilombo Poço dos Cavalos

Localização: Itacuruba-PE

Processo FCP: Processo nº 01420.000170/2006-18

Certificado FCP: Portaria nº 38930, de 39056

Quilombos certificados (2020)

(Referência e Informações: <https://www.ipatrimonio.org/itacuruba-quilombo-poco-dos-cavalos/#!/map=38329&loc=-8.732280208556082,-38.67353144108142,17>)

3.1.8 A formação docente para multiculturalidade

A pesquisa sobre a diversidade sociocultural e a interculturalidade tem se posicionado como um campo de estudo que vem conquistando um lugar de destaque nas ciências sociais e humanas, mas o tem feito a partir de conceitos diferentes e também polissêmicos como multiculturalismo, diversidade cultural, interculturalidade, para citar um alguns. Essa situação nos obriga a explicitar os significados que atribuímos aos conceitos de multiculturalismo, interculturalidade e educação intercultural bilíngue neste trabalho (HOLDER; SILVA, 2011).

O multiculturalismo é um conceito descritivo que se refere à convivência de pessoas e/ou grupos culturalmente diferentes em um determinado espaço ou território; não se refere à relação entre essas pessoas e geralmente tem como referência o Estado-nação. Por sua vez, a interculturalidade é um conceito dinâmico, que se refere às relações estabelecidas entre diferentes sistemas culturais a partir do reconhecimento e respeito à diferença (GONÇALVES, 2016).

Segundo a Organização das Nações Unidas- ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a interculturalidade é definida como: A presença e interação equitativa de diversas culturas e a possibilidade de gerar expressões culturais compartilhadas, adquiridas através do diálogo e de uma atitude de respeito mútuo. A interculturalidade pressupõe o multiculturalismo e é o resultado do intercâmbio e do diálogo intercultural a nível local, nacional, regional ou internacional (AMORIM, 2011).

A ideia de que a interculturalidade pode ser uma possibilidade de superação das relações assimétricas de poder entre as culturas com novas relações baseadas na igualdade e no respeito; pode ser uma prática complicada, mas funciona adequadamente como um valor orientador para as ações institucionais (SANTOS; SANTOS, 2018).

A abordagem da educação intercultural propõe “incorporar as diferenças e [...] a igualdade de oportunidades através do respeito e da tolerância pela diversidade e pluralidade cultural, reconhecendo e valorizando as diferenças na busca de pontos de encontro.

O modelo de educação intercultural não é fixo, mas considera as características do contexto social, bem como a heterogeneidade cultural e as múltiplas fronteiras dentro das categorias étnicas e culturais que entram em contato e interagem no espaço escolar.

Além disso, a interculturalidade implica não apenas um encontro harmonioso, mas também conflituoso associado às relações de poder que atravessam o espaço escolar.

A institucionalização da educação intercultural envolve um conjunto de processos pedagógicos intencionais, a formação de pessoas capazes de compreender a realidade a partir de diversas perspectivas culturais e de intervir em processos de transformação social que respeitem e se beneficiem da diversidade cultural (SANTOS; SANTOS, 2018).

Isso pressupõe tanto o conhecimento profundo da própria lógica cultural, quanto de diferentes lógicas culturais (LIBÓRIO; KILLNER, 2007).

Nesse sentido, os estudos da linha de pesquisa "ensino e aprendizagem sociocultural e sua articulação curricular" concentram uma riqueza de saberes onde são analisadas experiências relacionadas à articulação entre os saberes ou práticas socioculturais da comunidade e os conteúdos escolares convencionais. autores, a criação de uma cultura escolar associada à interculturalidade só é possível por meio da articulação entre os diferentes atores educacionais (SANTOS; SANTOS, 2018).

A pesquisa que fornece base empírica para este projeto investiga o efeito da política intercultural no cotidiano das escolas, para além do currículo escolar, criando vários projetos para promover a convivência intercultural, que implica não apenas a diferença étnica, mas também outro tipo de diferenças culturais, como aquelas associadas às origens locais, regionais e nacionais da população escolar, como resultado da migração e mobilidade geográfica das crianças e suas famílias (MOURA, 2007).

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar o processo de construção/organização curricular através da investigação da prática pedagógica para o fortalecimento da ancestralidade e da identidade quilombola em escolas do município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil.

4.2 Objetivos Específicos

- Abordar a ancestralidade e a importância de aquilombar-se, e como orientam o fazer pedagógico nas escolas do povo quilombola;
- Diagnosticar as demandas dos docentes acerca da sua formação inicial e continuada, bem como, suas implicações na construção e fortalecimento da identidade quilombola;
- Identificar o nível de articulação e interação entre os saberes, conhecimentos e práticas quilombolas com a diversidade tecnológica e os conhecimentos não-quilombolas;
- Elaborar mapeamento analítico dos espaços escolares remanescentes quilombolas, identificando dificuldades e potencialidades pedagógicas, para disponibilização de dados que possam facilitar a elaboração de políticas públicas educacionais, considerando-se as particularidades regionais e etnográficas, bem como estimular outras pesquisas científicas afins;
- Propor a produção de um e-book sobre a importância da ancestralidade e a formação de professores quilombolas do município de Itacuruba, Pernambuco.

5. METODOLOGIA

A pesquisa ora apresentada teve como suporte metodológico a opção por estudos do tipo etnográfico, procedimento de adaptação da etnografia ao campo educacional, visando favorecer uma análise mais detalhada e profunda do objeto em discussão, favorecendo assim a tomada de decisões e buscando a construção de elementos de (re)orientação quanto ao fazer pedagógico.

Como suporte metodológico, adotou-se a opção por estudos do tipo etnográfico de natureza qualitativa, através dos instrumentos descritos a seguir:

- a. entrevista semiestruturada individual;
- b. questionários socioeconômicos; e,
- c. rodas de conversas.

Reconhecidamente, a coleta de informações *in loco* por meio das ferramentas citadas anteriormente, estabeleceu uma interação direta com os sujeitos da pesquisa, permitindo a compreensão imediata das informações, além de proporcionar a possibilidade de elucidações e correções, devido ao caráter mais livre do instrumento. A intenção em iniciar com o referido instrumento é obter dados acerca da formação e da prática exercida pelos docentes, para análises posteriores.

Para este trabalho, considerou-se as comunidades quilombolas da Ingazeira, Poços dos Cavalos e Negros de Gilú – as três localizadas no município de Itacuruba, - Pernambuco, Brasil. Para efeito da coleta de dados, compus a amostra da pesquisa com pessoas relacionadas com cada uma destas comunidades.

Esta proposta de pesquisa foi desenvolvida tendo como público participante os professores, coordenadores atuantes em escolas de ensino e lideranças quilombolas, sendo todas pessoas maiores de 18 anos e emancipadas. No total, a pesquisa abordou 13 pessoas assim distribuídas: 7 (sete) professores; 2 (dois) coordenadores; 4 lideranças, todos voluntários. Os perfis foram distribuídos da seguinte forma: 4(quatro) perfis da Ingazeira, 5(cinco) Poços dos Cavalos e 4(quatro) Negros de Gilú, pretendia-se desenvolver a pesquisa com 15 pessoas, no entanto algumas não atendiam os critérios pré-estabelecidos, tais como ser coordenador e da etnia indicada.

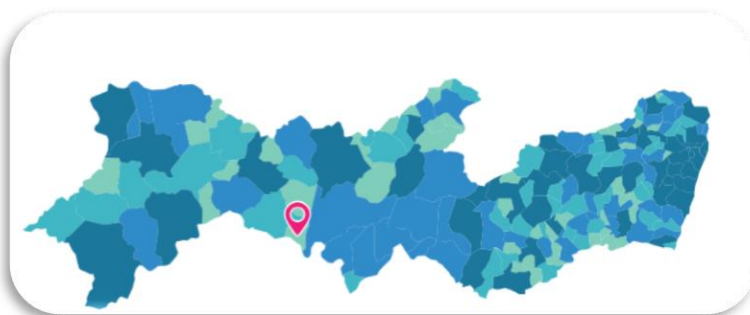
Os momentos de escuta com lideranças, pois estas contribuíram com suas próprias vivências – sobre como eram as escolas, o que era ensinado a respeito da realidade quilombola, entre outras colaborações. As lideranças apresentaram como a ancestralidade esteve (ou não) conectada com o ensino, dentro de um município com

uma relação tão estreita com a cultura quilombola, como é o caso de Itacuruba.

A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995), [...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 58).

A metodologia incluiu as concepções teóricas de abordagem do objeto, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade, e, o potencial criativo do pesquisador. Neste sentido, “a pesquisa qualitativa gera dados ricos e descritivos e promove a sensibilidade aumentada às experiências de saúde dos outros” (MINAYO, 2015).

5.1 Localização do estudo



*Figura 1- Localização de Itacuruba, Pernambuco, Brasil.
Referência: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/itacuruba/panorama>*



Figura 2 Praça da Igreja de Nossa Senhora do Ó, Itacuruba PE.

Sobre a velha Itacuruba:

Itacuruba é um município no estado de Pernambuco, no Brasil. Localizado no Sertão do São Francisco, é apelidado carinhosamente de “Jardim Sertanejo”. A Cidade tem aproximadamente 5.000 Habitantes.

Sua origem surgiu no século XIX quando o Sr. Manoel Quirino Leite, proprietário de sua posse de terras dentro dos domínios da Fazenda Itacuruba, construiu em 1870 a primeira casa no lugar, onde no mesmo ano, surgia a primeira feira semanal. O fato despertou o interesse do Padre Miguel Arcanjo da Paróquia de Tacaratu que ergueu uma capela nas proximidades datada em 1889, com frente voltada para o rio São Francisco, tendo como Padroeira Nossa Senhora do Ó, iniciando-se também as construções das primeiras moradias originando um povoado que mais tarde se tornaria cidade.

O lugarejo foi crescendo e se desenvolvendo. Em 1930, o povoado passou a qualidade de distrito mantido por Floresta a quem pertenceu até 1938, quando passou a pertencer a Belém do São Francisco. A cultura da cana de açúcar e mandioca serviu de lastro econômico até 1948 quando a população começou a se voltar para o plantio da cebola, economicamente mais produtiva. Com a monocultura da cebola, o povoado entrou um ritmo maior de desenvolvimento, pois este evento trazia melhoria na vida não apenas para os exploradores diretos, mas também, para a população de baixa renda, meeiros, diaristas etc.

Na década de 1960, quando começaram as grandes safras de cebola, o local tomou impulso e em 20 de dezembro de 1963 foi elevada à categoria de cidade, tendo como seu primeiro Prefeito o Sr. Manoel Maniçoba da Silva, escolhido em um consenso popular. Em 1964, foram realizadas as primeiras eleições municipais, tendo como o primeiro Prefeito eleito o Sr. Carlos Magalhães Araújo.

Sobre a Nova Itacuruba: Em virtude da construção da Barragem de Itaparica, destinada a aumentar o fornecimento de energia para o Nordeste, foi projetada uma nova sede para o município de Itacuruba. O processo de transferência das famílias residentes na antiga Itacuruba estava previsto para ter início em meados de dezembro de 1987, finalizando em janeiro de 1988. No entanto, o prazo final foi prorrogado até 23 de março de 1988, devido às várias dificuldades apresentadas na experiência da equipe técnica da CHESF junto à população.

Após três meses de reassentamento a nova Itacuruba apresentava outra configuração. As ruas começaram a ter calçamento com aproveitamento do material da velha cidade, as casas vão apresentando características identificadas a cada família, o comércio mais estruturado com o consumo ganhando formalidade, as escolas em

funcionamento, a saída dos operários sendo substituídas pelas famílias relocadas, tudo isso fez com que a cidade/obras começasse a tomar ares de cidade em essência. Conforme consta no campo do sítio eletrônico de Itacuruba (disponível em <https://itacuruba.pe.gov.br/historia/>).



Figura 3-Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica

Referência: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/04/sertao-de-pernambuco-possui-segundo-maior-telescopio-do-pais>

Há 12 anos, entrava em operação no Sertão de Pernambuco o segundo maior telescópio em tamanho do país. O Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica (OASI), instalado no município de Itacuruba, é dedicado aos estudos das propriedades físicas dos pequenos corpos do Sistema Solar, com ênfase naqueles em órbitas próximas da Terra, considerados potencialmente perigosos para o planeta.

Segundo a pesquisadora Daniela Lazzaro, do Observatório Nacional, céu aberto, sem chuva ou nuvens, é fundamental para as observações astronômicas, e a cidade de Itacuruba atende a todos esses pré-requisitos. “A região do semiárido atende plenamente esses critérios. O OASI está localizado a sete quilômetros do centro de Itacuruba, no sertão Pernambucano, que é um pequeno município com menos de 10 mil habitantes e distante 300 quilômetros dos centros como Recife e Petrolina”, explicou.

Ela acrescentou que a dimensão do espelho do telescópio é o principal fator para a pesquisa científica que será realizada usando o equipamento. Ou seja, quanto maior o espelho, maior a capacidade de observar objetos menores ou mais distantes. Com um

metro de tamanho, o OASI só perde para o telescópio do Laboratório Nacional de Astrofísica, sediado em Itajubá (MG), que tem espelho de um metro e meio.

O Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica é um importante centro de pesquisa da região Nordeste. A produção científica ultrapassa a marca de 125 artigos publicados nas principais revistas científicas internacionais. “Em 12 anos de operação, os dados obtidos no OASI já permitiram a formação de seis doutores e seis mestres, além da publicação de 20 artigos em revistas especializadas, cerca de 50 publicações técnicas e apresentação de cerca de 45 trabalhos em congressos internacionais”, afirmou Daniela Lazzaro. “Mais do que isso, o OASI tem participado de colaborações internacionais importantes como os projetos desenvolvidos pela União Europeia, o que aumenta a visibilidade da pesquisa realizada no ON e no país”, destacou.

A visitação no Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica não é aberto ao público. Porém, existem duas janelas anuais para a visitação de escolas e de instituições da sociedade civil. A primeira é durante a semana de popularização da ciência do semiárido brasileiro, realizada em parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e o Instituto Nacional do Semiárido (INSA) no mês de maio. O segundo período para visitação ocorre durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, realizada em outubro.

“Nesses eventos, apresentamos os projetos e os resultados científicos, e explicamos as motivações científicas para a escolha do instrumental. Também aproveitamos a oportunidade para lançar campanhas para a preservação do céu noturno e valorização do sertão”, disse a pesquisadora.

Segundo o portal do CIDADE-BRASIL (<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-itacuruba.html>), observamos os dados da cidade, que comporta os dados administrativos, habitantes. Contribuindo assim para a visão técnica e estratégica de Itacuruba.

5.1.2 Riscos e desconfortos aos participantes

Como critérios de inclusão foram consideradas, entre professores e coordenadores, pessoas que atuaram diretamente com alunos quilombolas de uma das três comunidades referidas – mesmo que estes estejam matriculados em escolas fora de comunidades quilombolas – e concordarem em participar voluntariamente da pesquisa, para que os dados representem a realidade das comunidades. Outro critério de inclusão é que tais professores e coordenadores deverão ter reconhecida sua própria

identidade como quilombola. Todos os maiores de idade que se encaixarem neste perfil serão convidados, realizando-se as entrevistas até o limite estabelecido (três professores e uma coordenadora representando cada comunidade quilombola).

Entre os representantes das comunidades quilombolas (nesta pesquisa denominados “lideranças”), que são pessoas pertencentes a comunidades que possuem conhecimentos de identidade através símbolos, saberes e práticas que afirmam ser a tradição e ainda possuindo sentimento de pertencimento, na prática a trajetória de vida deles foram reconhecidas, os líderes fazem parte dos movimentos de luta da causa quilombola. Os critérios para inclusão são que todos deverão ser maiores de idade, bem como terem sua identidade quilombola estabelecida e associada a uma das comunidades acima descritas.

Necessariamente foram excluídos professores e coordenadores que não atendiam aos critérios anteriormente discriminados, reiterando-se que foram excluídos os que não atuam com alunos quilombolas, mesmo atendendo as características citadas. As pessoas que forem convidadas mas não compareçam ao encontro marcado (para entrevista ou roda de conversa) foram excluídas da pesquisa e também aquelas que não se voluntariarem a participar.

Em relação aos critérios para suspensão da pesquisa foram considerados os seguintes pontos: I-perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa e, conseqüente à mesma, não previsto no termo de consentimento; II- constatada a superioridade de um método em estudo sobre outro, o projeto deverá ser suspenso, oferecendo-se a todos os sujeitos os benefícios do melhor regime; III- se solicitado pelo Comitê que a aprovou ou pela CONEP. Assim, será comunicado, pelos meios legais, quaisquer “riscos de pesquisa”, a possibilidade de quaisquer danos, sejam eles de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, ideológica, cultural e espiritual ao ser humano no processo da pesquisa e/ou dela decorrente, solicitando interrupção, arquivamento ou cancelamento.

Reconhecidamente, a coleta de informações *in loco* por meio das ferramentas citadas anteriormente, estabelece uma interação direta com os sujeitos da pesquisa, permitindo a compreensão imediata das informações, além de proporcionar a possibilidade de elucidações e correções, devido ao caráter mais livre do instrumento. A intenção em iniciar com o referido instrumento é obter dados acerca da formação e da prática exercida pelos docentes, para análises posteriores.

5.1.3 Considerações Éticas

Esta pesquisa não infringiu as normas legais e éticas em pesquisas realizadas com seres humanos, cumprindo as exigências éticas do Conselho Nacional de Saúde, em especial a Resolução nº 510/2016, pois teve como prerrogativa as confidencialidades das informações, não comprometendo nenhum participante, nas narrativas foram usados pseudônimos para diferenciá-los. Assim, não foi necessário reportar-me ao CEP/CONEP, pois não houve nenhuma alteração, respeitando os aspectos éticos do estudo, conforme descrito a seguir.

Riscos, desconfortos e benefícios: como dito anteriormente, a participação do voluntário neste estudo não infringe as normas legais e éticas em pesquisas realizadas com seres humanos. Os participantes estarão expostos a riscos mínimos, a exemplo de algum desconforto diante das perguntas realizadas pela entrevistadora. Logo, devem estar cientes que durante a realização dos encontros podem se sentir desconfortáveis pelo tempo de sua proposição ou por falar de alguma temática que não seja agradável. Porém, são livres para encerrar sua participação a qualquer momento se assim desejarem, sem obrigação de ter que dar esclarecimentos aos pesquisadores. Garantimos o sigilo de todas as informações e por isso, a realização da pesquisa ocorre em lugar seguro e no qual os participantes não estejam expostos a interrupções externas. A existência de uma relação de confiança estabelecida com a entrevistadora durante a realização do estudo poderá reduzir os riscos e possíveis desconfortos e/ou danos. Se mesmo assim, o incômodo persistir, além do suporte dado pela entrevistadora, será informado ao participante que ele tem liberdade para não responder ou participar de questionamentos que causem incômodo, podendo desistir e que seus dados e quaisquer informações já levantados serão prontamente retirados da pesquisa. A desistência e/ou não desejo de participar da pesquisa serão sempre levados em consideração e devidamente respeitados.

O participante (professor, coordenador ou liderança quilombola) não receberá nenhum benefício direto – como financeiro – ao fazer parte voluntariamente dessa pesquisa. Mas os dados fornecidos por ele podem trazer benefícios indiretos, como para a comunidade escolar quilombola e para a comunidade acadêmico-científica, no sentido de contribuir para melhor formação dos professores atuantes na educação quilombola.

Sobre a exposição dos dados e garantia de sigilo e privacidade: os dados obtidos nesta pesquisa, inclusive aqueles fornecidos pelos entrevistados, poderão ser

publicados em livros e/ou periódicos especializados e/ou divulgados em eventos científicos assegurando, contudo, o sigilo e privacidade obrigatória a respeito de identificação. Armazenamento dos dados coletados: os dados dessa pesquisa serão armazenados em forma de arquivos digitalizados em banco de dados formato Word nos arquivos do computador do professor orientador e/ou da discente pesquisadora.

Forma de assistência: caso ocorra desconforto e/ou risco, os pesquisadores responsáveis, providenciarão assistência imediata, integral e pelo tempo que for necessário. Além disso, os pesquisadores envolvidos se comprometem a prestar assistência imediata, integral e pelo tempo que for necessário a todos os participantes.

Despesas: a pessoa entrevistada não será remunerada para participar dessa pesquisa. Caso haja alguma despesa em decorrência da participação na pesquisa, esta será custeada exclusivamente pelos pesquisadores responsáveis. Não é previsto nenhum tipo de despesa material com alimentação, mas se ocorrer algum dano proveniente da participação na pesquisa, será garantido o direito ao ressarcimento de gastos pontuais relacionados às condições mínimas da participação e não terá nenhum dispêndio financeiro. Caso o entrevistado sofra algum dano durante a participação na pesquisa, terá cobertura material (indenização) para reparação do dano. Ele tem a liberdade de recusar-se a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou dano.

Os pesquisadores responsáveis pelo estudo estarão dispostos a dar os devidos esclarecimentos aos participantes e, se necessário, havendo quaisquer dúvidas éticas, os participantes serão avisados de que poderão fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IF Sertão PE.

5.1.4 Técnicas de coleta de dados

Na coleta de dados será utilizada a aplicação de uma entrevista com professores e um coordenador de cada comunidade, além de um questionário socioeconômico. Também será realizada uma roda de conversa agrupando os profissionais que atuarem tendo a mesma comunidade quilombola de referência.

Os questionários socioeconômicos, os roteiros de entrevista e os tópicos que guiarão as rodas de conversa estão anexados a este projeto. As informações levantadas por estes instrumentos permitirão compreender como são estruturados o currículo e os planos de ensino em relação à abordagem quilombola. Essa aplicação será de forma online ou presencial (MINAYO, 2015), dependendo das condições sanitárias relativas ao

contágio por Covid-19, no momento da coleta, obedecendo às regras impostas pelas autoridades de saúde.

No caso das lideranças, será aplicado um questionário socioeconômico (individualmente) e será realizada uma roda de conversa integrando os representantes das três comunidades quilombolas.

Em todas as situações, antes da aplicação dos instrumentos descritos, será apresentado e explicado o conteúdo da pesquisa a fim de que cada voluntário assine um TCLE, indicando sua compreensão e sua participação voluntária no estudo.

5.1.5 Método de análise dos dados

As respostas das entrevistas, das rodas de conversas e dos dados documentais tiveram como base de análise o referencial teórico adotado. Os dados foram analisados mediante a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), sendo os dados das entrevistas organizadas em planilhas mediante a seleção das unidades de registros, tendo como critérios a homogeneidade, repetitividade e frases de sentido que em seu conjunto perpassam as experiências dos sujeitos.

Na análise foi processado a exploração do material e o tratamento dos dados, sendo um momento de organização do material, composta de três missões: escolha dos documentos a serem analisados; formulação das hipóteses; elaboração de indicadores a fundamentar a interpretação.

No que diz respeito à codificação ou tratamento do material, esta foi baseada na modificação dos dados brutos do texto a partir de regras precisas, como a segmentação do material em unidades de registro. “A unidade de registro é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando à categorização e a contagem frequencial” (BARDIN, 2011, p. 134).

A análise e tratamento da categorização, por seu turno, classifica as unidades de registro a partir de sua aproximação ou distanciamento, com base em critérios que são previamente definidos e permitem verificar o que existe em comum entre os elementos. É importante que os critérios a serem considerados para a criação das categorias sejam pautados na exclusão mútua (cada elemento estará presente em apenas uma categoria); na homogeneidade (as categorias devem ser criadas a partir de uma única dimensão de análise); na pertinência (precisam ser adequadas aos objetivos de pesquisa); na objetividade e fidelidade (coerência na classificação ainda que seja realizada por distintos analistas) e, finalmente, na produtividade (capaz de produzir elementos férteis

para a pesquisa). Por último, é na interpretação ou condensação dos resultados encontrados que se encontra a compreensão dos achados com apoio no referencial teórico (BARDIN, 2011).

5.1.6 Procedimentos da pesquisa

O trabalho considerou as fases distintas a seguir:

- ▶ **Primeira fase:** Aplicação de entrevista e rodas de conversa com professores, coordenadores e lideranças;
- ▶ **Segunda fase:** categorização e análise do conteúdo obtido na primeira fase;
- ▶ **Terceira fase:** Discussão dos resultados conforme os objetivos elencados;
- ▶ **Quarta fase :** A produção de um e-book sobre a importância da ancestralidade e a formação de professores quilombolas do município de Itacuruba PE;
- ▶ **Quinta fase:** Escrita da dissertação;

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve, tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem “comportada”, mas, na complexidade de seu permanente via a ser.”
(FREIRE,1982,p.118)

Na complexidade de se pesquisar através de uma “operação simpática de construção de identidade, cheguei até aqui. Como foi desafiador em todos os aspectos logísticos, humanos, psicológicos... Este trabalho nasceu da angústia, da descoberta, da curiosidade. Após reflexões sobre a minha prática pedagógica desenvolvida na referida cidade de 2006 a 2009, tinha ficado uma lacuna causada por um conjunto de ações que, apesar de se apresentarem como “inovadoras”, “interdisciplinares” e “interativas”, não tinham a marca registrada da comunidade, que na época era uma cidade essencialmente quilombola. O ambiente estava silenciando o lugar de fala, não havia um processo de reeducação de quem nós somos, eu, eles, todos. A alegria era diária, mas o sentimento de pertencimento e negritude era ausente. Os traços formulados da ancestralidade quilombola estava apenas nas práticas das pessoas mais velhas, não sendo repassado ou pelo não aparecia na construção identitária desses alunos na escola.

A Lei 10639, de janeiro de 2003 que trata sobre, é um marco histórico. Ela simboliza, simultaneamente, um ponto de chegada das lutas antirracistas no Brasil e um ponto de partida para a renovação da qualidade social da educação brasileira. Ciente desses desafios, o Conselho Nacional de Educação, já em 2004, dedicou-se ao tema e, em diálogo com reivindicações históricas dos movimentos sociais, em especial do movimento negro, elaborou parecer e exarou resolução, homologada pelo Ministro da Educação, no sentido de orientar os sistemas de ensino e as instituições dedicadas à educação, para que dediquem cuidadosa atenção à incorporação da diversidade etnicorracial da sociedade brasileira nas práticas escolares, como propõe a Lei 10639. (Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (2013. 13-14).

Importante destacar a luta dos movimentos sociais ao criar um conjunto de estratégias por meio das quais os segmentos populacionais considerados diferentes passaram cada vez mais a destacar politicamente as suas singularidades, cobrando que estas sejam tratadas de forma justa e igualitária, exigindo que o elogio à diversidade seja

mais do que um discurso sobre a variedade do gênero humano. Nesse sentido, é na escola onde as diferentes presenças se encontram e é nas discussões sobre currículo onde estão os debates sobre os conhecimentos escolares, os procedimentos pedagógicos, as relações sociais, os valores e as identidades dos alunos e alunas. (Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, 2013. 13-14)

6.1 Dados gerais

A formação de professores tem um papel fundamental na construção da identidade dos alunos quilombolas, pois são esses profissionais que podem transmitir o conhecimento e valorizar a cultura e história das comunidades quilombolas. No entanto, é necessário que haja investimentos em formação específica para esses professores e que as instituições educacionais desenvolvam propostas de ensino que fortaleçam a identidade dos alunos quilombolas diariamente. Além disso, é essencial garantir a posse segura e legal dos territórios quilombolas, para que essas comunidades possam ter acesso a políticas públicas e apoio do governo.

Para compreendermos que são os quilombolas participantes desta pesquisa foi aplicado um questionário sócioeconômico com intuito de caracterizá-los em relação a local que reside, gênero, faixa etária, grau de escolaridade, estado civil, e tempo que leciona.

Em relação ao local onde residem temos:

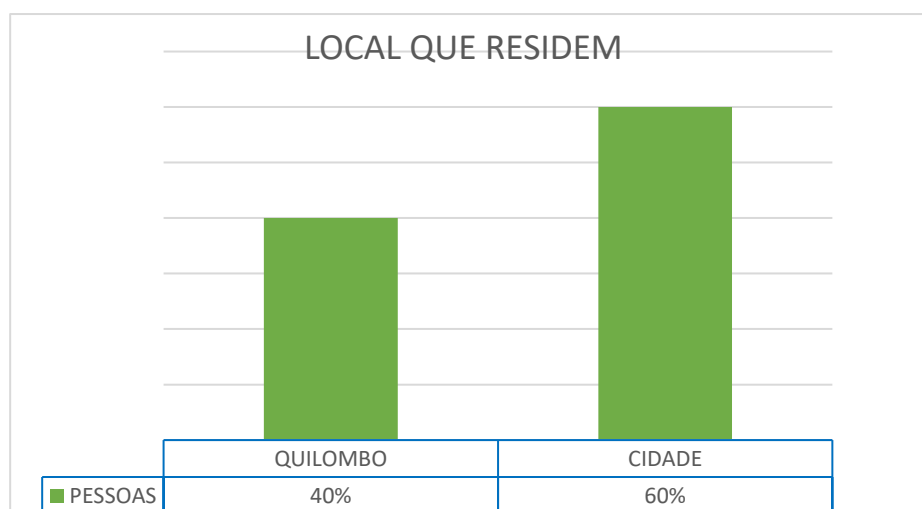


Figura 4- Local onde residem

No momento do preenchimento do questionário alguns afirmaram que apesar de estarem na cidade para trabalhar mas tem sua residência no quilombo também.

Em relação ao gênero, eles se autoidentificaram de acordo com o gráfico abaixo:

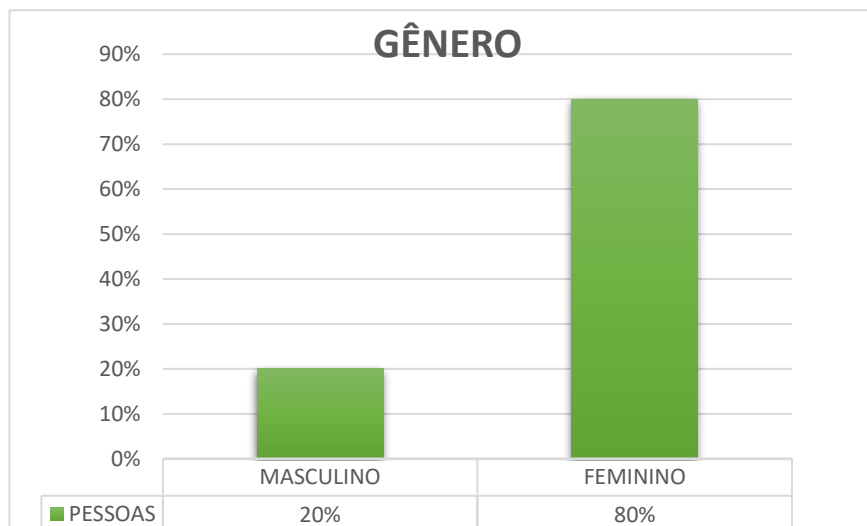


Figura 5- Autoidentificação de gênero.

Já a faixa etária dos entrevistados dividiu-se da seguintes forma:

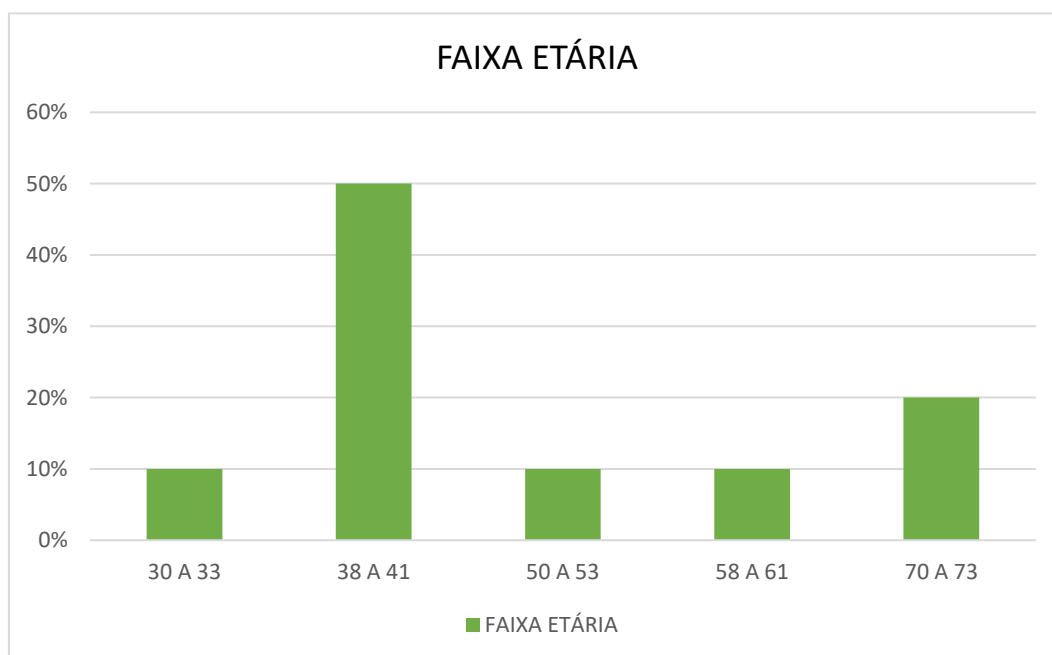


Figura 6- Faixa etária.

Em relação ao grau de escolaridade 90% dos participantes possuem pós-graduação e 10% o ensino fundamental incompleto. Observasse aqui a predominância das mulheres na questão do formação acadêmica. Assim como o tempo que lecionam conforme demonstra a Figura 4 abaixo.

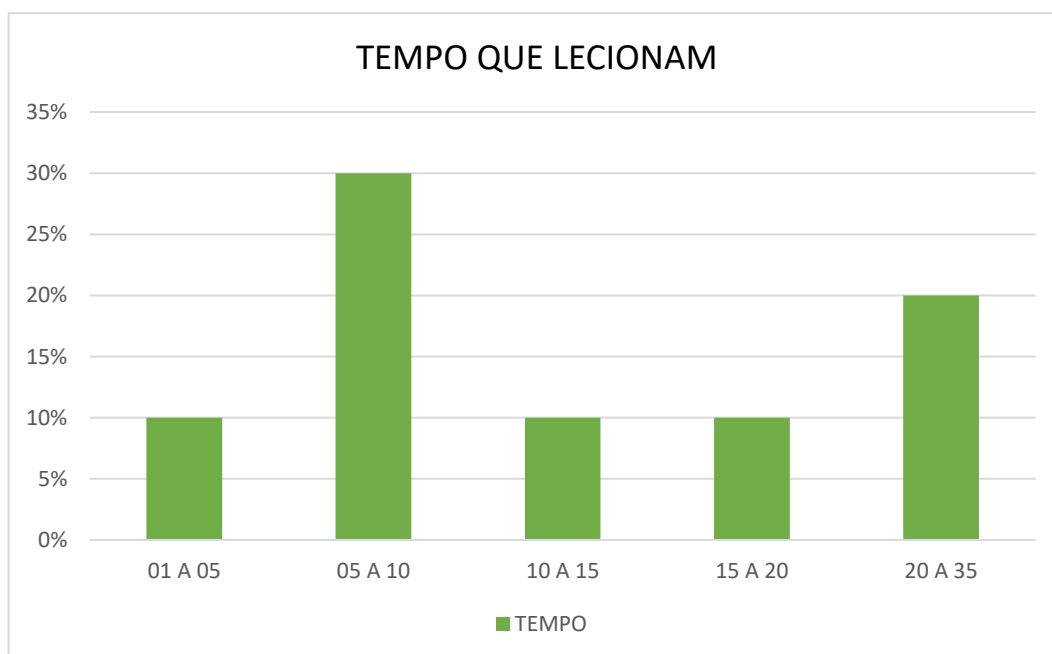


Figura 7- Tempo que lecionam

6.1.2 Memórias afetivas: o resgate da ancestralidade através da relação família, escola e comunidade

As memórias nos proporcionam diversas experiências sensoriais, físicas, visuais, psicológicas, fisiológicas, históricas e culturais na vida no ser humano. Falar de memórias nos remete a responsabilidade de ser fidedigno e ao mesmo tempo trazer reflexões que fundamentem toda a trajetória percorrida dos pesquisados. Segundo o autor Ewald Hering (1920): A memória recolhe os incontáveis fenômenos de nossa existência em um todo unitário; não fosse a força unificadora da memória, nossa consciência se estilhaçaria em tantos fragmentos quantos os segundos já vividos.

Ao tecer as considerações sobre as memórias afetivas, resgatando os traços de ancestralidade que a relação família, escola e comunidade permeou, utilizarei pseudônimos visando preservar a identidade daqueles que se voluntariaram e com muita atenção, consideração e presteza atenderam a esse chamado.

A “Coordenadora 1” conta sobre suas memórias afetivas, desde a infância, relacionadas à sua família, escola e comunidade como quilombola. Ela relata que sua família sofreu um processo de perda do território devido à construção de uma hidroelétrica Luiz Gonzaga e se deslocou de Itacuruba Velha para Jeremoabo, Bahia. Anos depois, retornaram para Itacuruba Nova, buscando resgatar suas raízes e tradições. A moradora quilombola compartilha suas memórias de infância, marcadas pelo relato dos pais sobre a história e tradições da comunidade. Através das danças,

calçadas dos mais velhos e histórias transmitidas de geração em geração, a moradora sente um profundo senso de pertencimento e orgulho de ser quilombola. Ela fala sobre seu pai que é uma liderança na comunidade destacando a importância desse movimento.

Sempre desde pequena que eu escuto meu pai falar da nossa comunidade. Eles sofreram um processo de perda do território por causa da barragem da hidroelétrica de Itaparica. Então, se deslocaram de Itacuruba Velha para Jeremoabo, Bahia. Foi onde eu nasci. E meu pai sempre vinha de Jeremoabo para Itacuruba, em busca de meios para sobreviver. A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco-CHESF indenizou com algumas terras lá em Jeremoabo, mas infelizmente não era suficiente. Deslocaram 13 famílias de Itacuruba para Jeremoabo. Passaram alguns anos e em meados de 2000, eles retornaram para Itacuruba Nova, em busca de resgatar suas raízes e tradições. E nesse período, o pai sempre me falava da importância dos seus descendentes. Contava a história, até hoje ele conta a história da nossa família, do sofrimento dos nossos primeiros ancestrais, que foi M.R. E eu sempre busquei estar participando. É algo que é muito importante para a minha vida e para a minha construção enquanto ser humano, porque não é uma luta fácil, ser quilombola hoje não é fácil devido às barreiras que a gente enfrenta dia a dia. Principalmente da nossa comunidade, devido à questão do território. Eu acredito que minhas memórias, estar participando das nossas danças, estar sempre nas calçadas dos mais velhos, como na casa de tia Gilú, que é a tia do meu pai, que é a pessoa que deu nome à nossa comunidade. (Coordenadora 1)

Continuando a percorrer a trilha dos processos de memórias afetivas, desde a infância, relacionadas à sua família, escola e comunidade como quilombola. A entrevistada “Coordenadora 2”, relata que se sente pertencente à comunidade quilombola e valoriza sua identidade negra. Ela compartilha algumas memórias afetivas relacionadas à cultura quilombola, como a dança do Toré, as brincadeiras e as comidas típicas. Ela ressalta a importância de as crianças conhecerem desde cedo suas origens e história quilombola, para que não precisem buscar essas informações apenas quando necessário.

Eu vim, de fato, estudar um pouco melhor sobre a história quilombola justamente quando eu entrei para a faculdade. Justamente por intermédio de da liderança do meu quilombo, porque aqui é uma cidade pequena, todo mundo se conhece e tudo. E meus pais sempre diziam que minha avó era quilombola, era descendente, e eu sempre ouvia falar em “D.V.” como essa liderança forte. Só que eu não entendia muito bem o significado de tudo isso. E aí quando eu entrei para a faculdade, e principalmente para a Pós-graduação Intercultural Indígena e Quilombola do IF Sertão PE, que foi em cima desse tema de educação intercultural indígena e quilombola, foi que eu fui conhecer através dela mesmo, eu fiz o meu TCC sobre ela, sobre um pouco da história do quilombo. Eu fiz esse estudo com ela também. (Coordenadora 2)

A “Coordenadora 2”, abordou outro ponto na entrevista que é a migração de pessoas quilombolas para aldeias indígenas, devido à percepção de que os indígenas estão mais avançados em suas lutas e direitos. No entanto, a entrevistada reforça a

importância de não perder a identidade quilombola e de valorizar a história e luta desse povo conforme declarado a seguir:

A minha família materna é indígena. Mas a minha família paterna já veio da descendência de quilombola. E eu me autoidentifiquei como quilombola e não como indígena. Aí o pessoal aqui está migrando muito para as aldeias indígenas. Até pelo fato de dizerem que lá os direitos já estão mais à frente, a luta deles já está mais à frente, que os quilombolas estão mais atrasados nessa questão de luta pela terra, e escola e tudo. E agora com essas escolas aqui, está ganhando mais força. Então tem muita gente migrando. Aí até brincam, nós somos quiloíndio. No meu caso, quando eu fui procurar saber a história, eu me senti pertencente e já tive convite para ir para a aldeia indígena, mas não me identifico. Eu quero continuar me autoidentificando como quilombola porque eu me identifico realmente com os meus antecedentes, com toda a história. E eu, apesar das pessoas me chamarem de galega, eu sempre me declaro negra. Eu sou negra e com muito orgulho, porque eu venho de uma família de negros. Minha família toda é negra e eu acho bonita a história. Não tenho vergonha, me orgulho de tudo que o negro já passou. E ainda hoje passa, porque infelizmente ainda tem muita gente racista, mas eu me orgulho de ser negra e sempre vou me considerar como quilombola mesmo.

Saliento que não foi encontrado o perfil de coordenador (Coordenador 3), impossibilitando de prosseguir com essa temática na referida comunidade.

Igualmente importante e comovente foi escutar a “Liderança 1” e “Professora 1”. Ela compartilhou suas memórias afetivas da infância, quando se autoalfabetizou no quilombo. Ela conta que aprendeu a ler e a escrever sozinha, riscando palavras no chão com as tampinhas que encontrava. Com o tempo, sua mãe descobriu seu talento e comprou caderno e lápis para que pudesse explorar ainda mais o mundo da escrita. Essas memórias afetivas demonstram a resiliência e a força de vontade dela em buscar conhecimento, mesmo diante das adversidades.

A vivência familiar. Eu nasci no Quilombo. E lá no Quilombo eu me autoalfabetizei. Sozinha, trabalhando tampinhas, riscando no chão, as palavrinhas que continham nas tampinhas, mas sem saber o que. E uma prima minha que trabalhava, que ensinava a Educação dos Jovens Adultos- EJA, principalmente lá na fazenda, não era uma escola oficial. Simplesmente ela se disponibilizava em alfabetizar as pessoas adultas. Minha mãe não deixava, mas eu ia escondida e consegui aprender o alfabeto. E cheguei, ela dizia, até falava assim, olha, letrinha tal, casou-se com letrinha tal e formou o casal tal. Por exemplo, b, casou-se com a e formou o ba. E aí eu já, imediatamente, fui identificar as vogais com as palavrinhas que eu já sabia traçar no chão, com o dedo que não tinha caderno nem lápis. E aí fui me evoluindo. E minha mãe descobriu que eu sabia tudo, aí comprou caderno, lápis, tudo, aí foi uma maravilha. É tanto que eu tenho o meu livro e tem um dos capítulos do meu livro é “Meu dedo é o lápis e o chão o meu caderno”. Porque foi assim que eu comecei. Então, tenho o meu livro. Nesse livro está as memórias, caminhadas da professora e liderança. (Liderança 1)

A “Liderança 2” e “Professora 2”, assim como a anteriormente abordada revelam uma forte relação entre esses elementos escola, família e comunidade. Ela destaca que

sempre houve um vínculo afetivo entre a vivência quilombola, o ensino na escola e a troca de conhecimentos entre a comunidade. No entanto, é importante ressaltar que a formação dos professores nem sempre fortalece a identidade dos alunos quilombolas.

No Quilombo da Ingazeira existem duas lideranças da comunidade que se destacam nas lutas. Este apresenta uma dinâmica mais detalhada da trajetória de vida.

Bom, que bom a gente falar sobre isso, porque a nossa família já mora aqui há mais de 50 anos nessa comunidade, e a escola, a própria escola, é no nome da minha avó. A escola é na P. M., é a memória dela. E a gente tem trabalhado na escola desde eu particularmente, desde 2005. De 2002, iniciei na escola trabalhando como professor, desenvolvi um trabalho com nossos alunos, explicando a questão da etnia da gente, da nossa cultura, que é muito importante para o desenvolvimento da sociedade. A nossa relação familiar é uma relação muito boa, graças a Deus, aqui moram já cinco gerações, em que nós temos desenvolvido mutuamente a questão do carinho, a questão do afeto, a questão de buscar melhoria para a nossa comunidade, para o nosso povo, e nós estamos sempre nessa luta. Quando aparecem políticas que desenvolvem a nossa comunidade, a gente está na luta buscando melhorias para nós. É bem interessante que, quando eu era criança, eu não gostava de estudar. Minha tia, M. D., que eu gosto muito dela, ela me levava todos os dias para a escola. Era assim que eu chorava, não queria ir. Chegava lá, ficava chorando na banca o tempo todo. E, graças a esse esforço dela, dos meus pais, eu aprendi a gostar da escola. Eu aprendi a amar o estudo, a amar a educação. E, de lá para cá, desenvolvi uma relação com as minhas professoras, com os meus parentes. E, graças a Deus, hoje sou uma pessoa formada, tenho faculdade, tenho estudo, graças ao empenho e força das minhas tias, dos meus pais.

(Liderança 4)

A “Liderança 3” relata que tem 72 anos, conta que nasceu em Itacuruba PE e estudou na escola da cidade. Na época, as professoras eram brancas, mas ele não sentiu preconceito e sempre foi encorajado a valorizar o estudo. Ele ressaltava que o conhecimento adquirido na escola foi fundamental para sua vida e para a comunidade. Destaca a importância da ancestralidade e da cultura quilombola em sua infância. Ele lembra que sua mãe ensinava sobre respeito, trabalho e valorização da família. Além disso, ele mencionou as danças e cantigas tradicionais, como o Cocó, a Sanaminha e o Toré, que foram transmitidas de geração em geração. Ele comenta sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade, como a falta de irrigação, mas ressaltava a importância do emprego e do acesso a oportunidades para o desenvolvimento da comunidade. Em suma, destaca a importância do estudo, do respeito e da valorização da cultura quilombola para o desenvolvimento pessoal e comunitário.

As pessoas que sofriam o racismo, mas mesmo assim já acontecia, a gente via, mas mesmo assim eu lembro bem que as professoras, todas elas não tinham negros. todas eram brancas, mas tinha, gostava das pessoas negras, não senti preconceito nessa parte. Hoje no seu formato, porque pobre em 67 terminando o primeiro primário, admissão ao ginásio com direito de 9,7 ir para o ginásio em Belém de São Francisco, mas não tive oportunidade por pobreza, no estado de pobreza, não tinha uma pessoa e aí, depois de cinco anos, foi que chegou o

ginásio na velha cidade de Itacuruba PE, na Escola da professora M. M. G. e aí muita gente ainda hoje tem aí dizendo. Graças a Deus desenvolvi. Bairro, era subúrbio, depois passou o bairro Manoel Custódio, depois passou o Rio da Cebola e depois o Rio. De herança, de etnia, todos eles pretos, viviam juntos e aí foi quando chegamos desse direito, depois das partidas. A nossa, além de a gente ser preto e com a união que a gente tinha lá trabalhando na roça, na agricultura. Com a Chesf, com essa usina. Eu fui um das lideranças em pegar ainda um território na Bahia, por causa disso que eu compreendia. Que eu terminei ganhando, não passamos a ter todo direito mas passamos 20 meses ganhando. O salário o VMT, Verba Temporária. Já vivia uns com outros pensamentos aqui pra lá mas ainda consegui, 13 famílias, levei pra Jeremoabo em 87 e daí foi porque nós fomos com a margem de água saloba, salgada. E o rio não era permanente. Já de água da chuva, que era o costume da gente. Aí não deu certo o assentamento mas através disso, já de meu conhecimento. Que ensinou isso daí, esse respeito então foi quando a pesquisa veio da Tercina Roriz e da Lei de São Francisco. Aqui não teve, a sua autoridade que ela pediu informação, não teve um que condenasse não, aquele negro não merece, aqueles negros merecem. São pessoas de confiança e trabalhador. Principalmente minha mãe ensinava aí o costume, a religião que eles dançavam principalmente, mãe era de 1918. Ela que era do século XIX, 1894 e então elas trouxeram, ensinavam, vamos dançar. Aí aquilo ensinava a cantiga e cantando e com aquilo a gente aprendeu que hoje a gente tem o Cocó, a Sanaminha, a Palma o Toré, através disso elas ensinavam. Eu vivo, a minha avó e eles dançando, ensinaram pra nós. E isso, como a gente apresenta, apresentamos várias vezes ainda se for preciso a gente apresenta, isso tudo foi herança que elas ensinaram elas tinham muito cuidado nisso, a valentia não se pode uma coisa também que elas seguraram que o rico, franco, queria tomar. O major queria me pegar para criar, mas minha mãe não deu. E ele disse se eu desse para o que é ruim vai ser preso, minha mãe disse, meu filho não. E já estamos na quarta geração que pega a gente, a gente tem um prestígio aqui nessa cidade, por causa disso. Desse conhecimento, que não deu ladrão, não deu isso aqui, uma coisa e outra então, isso daí foi tudo herança, ensinamento da mãe da gente, principalmente minha mãe e eu, graças a Deus, na escola as professoras(Liderança 3)

Ao falar sobre suas memórias afetivas, a “Professora 3”, diz que não é familiarizada com a história de seus pais e de seus antepassados quilombolas, mas relembra momentos de brincadeiras e conversas com seu pai, que mesmo sendo inculto, transmitia sabedoria aos filhos. Ela destaca a importância de se orgulhar da identidade quilombola e reivindicar os direitos que lhes são devidos.

Eu nasci em Itacuruba, mas até então, é como eu estou falando, isso vem se aprimorando agora, meus pais, os pais deles, já morreram e nunca souberam dessa história, nunca teve assim alguém que interessasse para...Lá, meu pai, ele era uma pessoa, que ele era inculto, mas era sábio, e ele orientava muito a gente, bastava ele olhar para nós, a gente já estava, e o que eu achava interessante que ele, a gente, o adolescente, ele quer um lazer, né? Que é um direito, e aí a gente, quando tinha um casamento, a gente ia lá e pedia para ele, para ir ao casamento, aquela festa com as coleguinhas, não, vai não, ele me pedia em cima da hora, você é quieta, e quando a gente ia, tinha uma festa com 15 dias, e o dia, a gente pedia antes, quando ia lá, pai, a festa de fulana já vai acontecer, não, me pediram, muito dia, eu pensei muito, não dá certo, mas tinha aquelas brincadeiras lá, que a gente acostumava com as colegas, tinha aqueles, que hoje não tem mais, aquele balangador com a corda, e a gente brincando, aquele balancê, tomava muito banho de rio, dava muitas risadas, mas, assim, por não conhecer, foi bom, mas já que hoje a gente sabe dos direitos, e que é, para nós, a gente continua atento e buscando, esses valores. (Professora 1)

A “Professora 4” do Quilombo Poço dos Cavalos- o relato de uma professora quilombola que descobriu sua identidade racial na fase adulta. Seu sonho é ensinar em sua comunidade, trabalhar com seus familiares e aprender junto com eles.

Pequena, nunca tive tanta informação em relação a se aceitar ser quilombola. Na verdade, tenho memórias da infância, das brincadeiras. Mas algo que a gente fazia naquela época, porque é diferente de hoje em dia as brincadeiras daquela época. No sentido de, naturalmente, de ser criança. Não na relação quilombola. Porque minha avó sempre contou muitas histórias. Muitas histórias que eu tenho na memória, eu aprendi ouvindo ela no sofá fumando cachimbo e me contando. Fui criada justamente pela avó e o avô. Minha mãe, muito jovem, se separou e foi viver a vida em casa de família. Entre trabalhar fora da cidade, entre Recife e Marcelo Alagoas. E eu fui criada dentro da casa da avó. Pela avó e uma tia moça minha, enfim. E aí eu fui crescendo, ouvindo aquelas histórias da Itacuruba velha, ouvindo a questão das famílias. E aquilo a gente entendia que naquela época todo mundo era família, todo um vizinho era família. Tinha aquela união. E aí fui me tornando moça, fui crescendo, estudando. E ainda não tinha... Talvez eu não tinha curiosidade sobre essa questão de quilombola, de negro. (Professora 4)

A “Professoras 5 e 6” relataram que a valorização da nossa história e a sua preservação são fundamentais para fortalecermos a nossa identidade como indivíduos, comunidades e nações. É por meio do conhecimento das nossas raízes que podemos entender o presente e planejar um futuro melhor. No entanto, muitas vezes não damos a devida importância a essa questão e deixamos de registrar os acontecimentos históricos, as experiências vividas e as lições aprendidas. Isso contribui para o enfraquecimento da nossa cultura e para a perda de referências para as futuras gerações. Um exemplo dessa negligência é a falta de visibilidade dada à história dos negros. É preciso levar com mais seriedade a questão da valorização da cultura negra, proporcionando maior visibilidade e incentivando a participação ativa desse grupo na preservação e divulgação de sua própria história. Infelizmente, o descaso com o passado é uma realidade que afeta todo o país. O valor do nosso descobrimento, o papel da colônia portuguesa no desenvolvimento do Brasil e as contribuições de diversos grupos étnicos são muitas vezes minimizados ou até mesmo ignorados.

Cabe aqui informar que em relação ao perfil de professor no Quilombo da Ingazeira 1(um) perfil não foi encontrado, no Quilombo Negros de Gilú 1(um), impossibilitando de prosseguir com essa temática na referida comunidade. Apenas o Quilombo Poço dos Cavalos tinham todos os perfis de participantes voluntários completos.

As temáticas em comum abordadas nas narrativas relacionadas as memórias foram ancestralidade, identidade, liderança, políticas públicas, memórias de infância, relação com família, escola e comunidade, conselho dos mais velhos, brincadeiras, religião, cultura e racismo.

Em suma, o trabalho de registro e preservação da história não deve ser visto apenas como um ato de preservação do passado, mas como uma construção do presente e do futuro. Ao conhecermos as nossas raízes, podemos tomar decisões mais conscientes e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para reverter esse cenário, é fundamental que as políticas públicas deem mais importância à preservação da história e à educação como ferramentas de valorização da nossa cultura. É necessário que haja um movimento em prol da valorização e divulgação da história, não apenas na esfera governamental, mas também nas escolas e na sociedade como um todo.

Portanto, devemos valorizar cada iniciativa que busca fortalecer a preservação da história, seja ela por meio de livros, documentários, exposições ou qualquer outra forma de divulgação. Essas ações têm um valor inestimável para a nossa comunidade e devem ser reconhecidas e incentivadas por todos.

6.1.3 A visão do ser quilombola nas comunidades de Itacuruba, Pernambuco, Brasil

Para Souza (2016, p, 51) “A dimensão da invisibilidade, no período pós-abolição, é outro ponto importante do contexto que circunda as comunidades quilombolas. No imaginário nacional, quilombo é concebido como algo do passado que teria desaparecido do País com o término do sistema escravista”. Infelizmente, após várias décadas essa visão ainda permanece impregnada na sociedade como um todo, inclusive num completo desconhecimento para algumas pessoas. Toda essa visão está contemplada na fala dos participantes da pesquisa e é refletida a tristeza pela situação de desigualdade que as comunidades têm enfrentado frente a sociedade e a ausência da concretização das políticas públicas voltadas para o povo quilombola, conforme evidência Andrade (2012).

A discriminação e o racismo são marcas inesquecíveis que repercutiram nos silenciamentos das práticas culturais da comunidade. Deixa claro que hoje, com maior esclarecimento do que é um quilombo, (re)interpreta sua história (re)significando suas vivências. (Andrade, 2012, p, 53)

Segundo Leite (2004), faz-se importante considerar que o termo ‘quilombola’ não emerge do nada, nem é fruto de imediatismos políticos. O rico debate proporcionado pelo

processo constituinte, fruto do processo de redemocratização do País, permitiu o ressurgimento destas ideias. “As reivindicações dos movimentos sociais encontraram eco no parlamento e permitiram o resgate de lutas em favor do reconhecimento de direitos” (Leite, 2004 p 19).

A seguir delinearei a concepção do “ ser quilombola para os participantes da pesquisa. Quanto ao processo de ser quilombola, a “Coordenadora 1”, afirma que muitas pessoas na comunidade não se reconhecem como quilombolas devido à falta de informações adequadas nas escolas e nos livros de história. Ela ressalta a importância de se aceitar e autodefinir como quilombola, enxergando a beleza e a importância de conhecer suas raízes, tradições e identidade.

Porque as pessoas, elas precisam se reconhecer como quilombolas. É, o sentimento de pertencimento. Para mim, é algo, como eu criei escutando meus pais contando a história, eu tenho esse sentimento de pertença. Porém, eu percebo que, diante de algumas interferências, pelo fato da gente estar na zona urbana, muitas pessoas não se reconhecem como tal. Porque nas escolas, muitas vezes não é trabalhado da forma correta, os livros também não retratam a forma correta da importância de você se aceitar, se autodefinir como quilombola. Porque nos livros de história antigo, vinha dizendo só coisas ruins sobre o negro. Então, quem é que quer ser negro diante de só coisas ruins? Não tem o lado bom da importância de ser negro, da beleza que é você conhecer sua raiz, sua identidade, você cultuá-la em sua religião, suas tradições. Infelizmente, algumas pessoas ainda não se autoidentificam. Eu tenho muito orgulho de ser negra, muito orgulho de ser quilombola e muito orgulho de fazer parte de um movimento. Vou lutar para que a gente consiga nosso território e a gente consiga colocar em prática nossas culturas, nossas experiências e conseguir realmente vivenciar tudo o que foi deixado debaixo das águas, lá na Itacuruba Velha, pelos nossos ancestrais. (Coordenadora 1)

Temos uma sede localizada agora no bairro chamado Alto da Bela Vista. Próxima à Escola José Cicero Freire, que é onde realizamos as reuniões, realizamos nossas danças para que não se perca a tradição da cultura. E para esses momentos de diálogo, debate, reunião com a diretoria da Associação da Comunidade. (Coordenadora 1)

Para a Coordenadora 2 destaca como descobriu o verdadeiro sentido de ser quilombola através da Especialização em Interculturalidade e Decolonialidade na Educação Escolar Indígena e Quilombola do IF Sertão PE:

Eu vim, de fato, estudar um pouco melhor sobre a história quilombola justamente quando eu entrei para a faculdade. Justamente por intermédio da liderança mesmo, porque aqui é uma cidade pequena, todo mundo se conhece e tudo. E meus pais sempre diziam que minha avó era quilombola, era descendente, e eu sempre ouvia falar em dela como essa liderança forte. Só que eu não entendia muito bem o significado de tudo isso. E aí quando eu entrei para a faculdade, e principalmente para o IF, que foi em cima desse tema de Educação intercultural indígena e quilombola, foi que eu fui conhecer através dela mesmo, eu fiz o meu TCC sobre ela, sobre um pouco da história do meu quilombo. Eu fiz esse estudo com ela também.

Discorrerei sobre a visão das Lideranças e professores quilombolas do município

de Itacuruba, Pernambuco, Brasil a concepção sobre ser quilombola e o processo de aquilombar-se.

Para Liderança 1 e Professora 1-, ser quilombola significa preservar a identidade cultural e valorizar as tradições e história do povo quilombola. Ela destaca a importância de cuidar do meio ambiente, respeitar o próximo e realizar atividades que fazem parte da tradição quilombola, como o trabalho na roça, a confecção de esteiras de palha de banana, panelas e pratinhos de barro.

Olha, o ser quilombola para nós, nós que vivemos de uma família totalmente negra, que nós também temos as duas raízes e, no momento, houve a assembleia onde a gente tinha que se identificar, escolher qual das etnias. Então, a gente resolveu ficar enquanto quilombola, que foi a característica maior que ficou no município, que ficou lá no quilombola, na fazenda. E o ser quilombola, para mim, é exatamente essa questão de a gente tentar preservar a identidade cultural da gente. Então, é um orgulho ser quilombola porque lá que nós aprendemos, lá que nós temos nossas histórias, nós aprendemos a cuidar do ambiente, a respeitar, de fato, cada um e fazer as nossas atividades, conforme, de acordo com o que a gente tinha, como, por exemplo, a gente trabalhava na roça, a gente fazia esteira da palha de banana, a gente fazia panela de barro, pratinho de barro. Minha avó fazia para cada neto um pratinho de barro e a gente ia fazer refeição lá nos pratinhos de barro, que era uma maravilha. Então, ser quilombola, para mim, é isso, é cultivar, é preservar, de fato, a identidade. (Liderança 1)

A “Liderança 2” e “Professora 2” do Quilombo da Ingazeira define ser quilombola como:

Ser quilombola é você se auto identificar, eu sou, é minha identidade. Então minha identidade, eu sou quilombola, entendeu? É minha identidade. Eu geralmente até digo que a gente não vira, porque muita gente questiona, diz, quem casa com quilombola, vira quilombola? Não, quilombola é uma identidade, é sua identidade, é sua ancestralidade, é sua cultura, é sua história. Então você que casa com quilombola, você não vai virar quilombola. Cadê sua ancestralidade, sua cultura, sua vivência, seus laços familiares? Tudo isso é o ser quilombola.

A “Liderança 4” e “Professora 7” do Quilombo da Ingazeira:

Ser quilombola é algo muito importante. Por quê? Primeiro, o reconhecimento. Eu preciso reconhecer aquilo que eu sou. E, reconhecendo aquilo que eu sou, eu tenho que lutar por isso. Eu tenho que resistir a algumas coisas que muitas vezes querem desmemoriar, descolonizar a gente. E a gente realmente tem que ser descolonizado e buscar a nossa tradição, a nossa cultura, a nossa propriedade, a nossa resistência. E nós temos lutado por isso. Ser quilombola é um reconhecimento, é uma luta, é uma conquista. E também acredito que seja uma vitória grande para este momento que estamos vivendo, que é uma desconstrução. Mas nós estamos aí na luta buscando aquilo que fortaleça a nossa comunidade, a nossa etnia.

A Professora 3 entende que ser quilombola é:

Bom, ser quilombola é uma etnia, que isso já vem de muitos tempos, que não é diferente de outro povo, ser quilombola é, ter o orgulho, eu sou quilombola e eu

adoro ser quilombola. E assim, e que seja mais valorizado, sejam mais vistos, sejam vistos como pessoas de direitos e de deveres.

A concepção da Professora 4 entende que ser quilombola é “ Mas eu acredito que o ser quilombola, inicialmente, é você aceitar a sua ancestralidade. Aceitar de onde você veio. E aceitar como você é. O ser quilombola é isso. Eu acredito que é isso. Na minha concepção”.

As “Professoras 5 e 6” são irmãs. Elas também assim como a Coordenadora 2, a Professora 3 e 4, cursaram a Especialização em Interculturalidade e Decolonialidade na Educação Escolar Indígena e Quilombola do IF Sertão PE, fato que todas retratam que mudou suas vidas e visão de mundo sobre ser quilombola, mas na prática não veem as coisas acontecerem na comunidade.

A reflexão sobre a identidade quilombola passa também pela identidade negra. É importante ressaltar que muitas das comunidades quilombolas se constituem como espaços interétnicos. Essa perspectiva, contudo, não descaracteriza a identidade negra que é fundante para esses grupos. (Souza 2016. p 97)

As narrativas até aqui construídas trazem um misto de amor, pertencimento e valorização da ancestralidade. Entretanto nas falas trazem uma preocupação com necessidade de desconstrução dessa visão racista, preconceituosa e desigual na qual as comunidades remanescentes quilombolas ainda são submetidas pela sociedade. As políticas públicas existem, mas infelizmente não chega a todos, a exemplo citaram em vários momentos a luta pela terra.

6.1.4 A formação dos professores: reflexões necessárias sobre os currículos adotados no município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil.

A formação de professores tem um papel fundamental na construção da identidade dos alunos quilombolas, pois são esses profissionais que podem transmitir o conhecimento e valorizar a cultura e história das comunidades quilombolas. No entanto, é necessário que haja investimentos em formação específica para esses professores e que as instituições educacionais desenvolvam propostas de ensino que fortaleçam a identidade dos alunos quilombolas diariamente. Além disso, é essencial garantir a posse segura e legal dos territórios quilombolas, para que essas comunidades possam ter acesso a políticas públicas e apoio do governo.

As perguntas de professores e coordenadores, bem como os temas relacionados na roda de conversa tinham pontos comuns para que se pudesse convergir qualitativamente nas narrativas dos participantes. O primeiro tema gerador geral versava sobre currículo, pela necessidade de reconstrução das trilhas educacionais presentes

nas práticas de ambos e quais contribuições poderiam se ter para desvendar esse caminhos representando o mais fiel a realidade circundada. De acordo com a LDB(1996) em seu artigo 26:

Art. 26- Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigidas pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

A APPLE (1999), traz uma definição de currículo e vai além dos conhecimentos disciplinares abordados na escola, trazendo a importância de considerar a natureza e os aspectos relacionados a quem construiu e também ao jogo de interesses que estão ocultos nestas escolhas.

O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos que, de algum modo, aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. É sempre parte de uma tradição seletiva, da seleção de alguém, da visão de algum grupo de conhecimento legítimo. O currículo é produto das tensões, conflitos e compromissos culturais, políticos e econômicos que organizam e desorganizam um povo. [...] como conhecimento oficial, enquanto o conhecimento de outros grupos raramente consegue ver a luz do dia, revela algo de extremamente importante sobre quem tem o poder na sociedade (APPLE, 1999, p. 51).

Para SAVIANI (1995) currículo escolar é:

E aqui nós podemos recuperar o conceito abrangente de currículo (organização do conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares). Um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria. (SAVIANI, 1995, p. 23)

Conforme abordado anteriormente a seguinte pergunta precisa ser respondida: Como a relação de currículo desenvolvido nas comunidades tem contribuído na prática pedagógica dos docentes, fortalecendo a identidade quilombola? Uma abordagem sobre a utilização de metodologias didático-pedagógicas, inserindo na perspectiva da reflexão crítica sobre a sociedade e como eles têm cultivado seus costumes e tradições, em meio a dinâmica de acontecimentos e conhecimentos, inovações científicas e tecnológicas, há uma inevitável necessidade de adotar eficientes estratégias pedagógicas para trabalhar conteúdos de maneira contextualizada e interdisciplinar, visando combater o esquecimento das crenças e costumes, ocultação de identidade e memórias de um povo.

Inúmeras são as reflexões a respeito de currículo mas neste momento, vale relembrar um importantíssimo documento de norteia a educação escolar quilombola, a Resolução quilombola nº 8 de 2012, traz pertinentes informações sobre:

Art. 34 O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir

conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades (BRASIL, 2012, p. 13).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, resguarda essa singularidade através do Artigo 1º:

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas remanescentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade.

II - compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância;

III - destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;

IV - deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;

V - deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;

VI - deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade.

Na roda de conversa realizada, questionei sobre o currículo a se estão sendo desenvolvidas atividades que contribuem para o fortalecimento da identidade dos alunos quilombolas. Como isso está sendo vivenciado na escola? Ou se está sendo vivenciado? A resposta foi unânime sobre a ausência do currículo voltado para a Educação Escolar Quilombola, que é uma modalidade da Educação Básica, em consequente não estão sendo implementadas, pelo menos na prática as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Abaixo algumas narrativas comprovam a abordagem supracitada:

O currículo ainda está na base curricular comum. Então, tem que ser escrita pelos quilombolas, tem que ser pensada por nós quilombolas, para que chegue aos nossos alunos preservando nossa cultura, nossa religiosidade, nossas tradições. (Coordenadora1)

Bem, eles não estão ainda adequados dentro da identidade quilombola, por isso eu percebi isso e fico me questionando sempre, temos que ter o currículo da realidade dos quilombolas, porque na verdade a gente traz para eles e tem aquela questão, é preciso o que ser feito para eles, ser com eles, eles estarem juntos, que tem até a frase que diz, nada para mim sem nós, nada para nós sem nós, aí essa necessidade de um envolvimento maior, de uma proposta bem elaborada, voltada para eles, para atender a necessidade deles. (Professora 3)

Mencionam que as escolas ainda não possuem currículos adequados à identidade quilombola, sendo necessária uma proposta voltada especificamente para atender as necessidades dessa comunidade, destacam a importância de adequar os currículos escolares à realidade dos estudantes quilombolas, enfatizando que é imprescindível considerar suas vivências e perspectivas. Ressaltam que é necessário um envolvimento maior e propostas de ensino voltadas para atender às necessidades específicas desses alunos.

A Coordenadora 2 diz que, a respeito do currículo e dos planos de ensino da instituição, a entrevistada afirma que não há uma ênfase na cultura quilombola e que os professores precisam receber uma formação mais aprofundada nessa área. Ela sugere que profissionais especializados realizem oficinas práticas para ensinar os professores a lidarem com essas questões.

A pergunta “Na sua escola, são realizadas atividades voltadas a preservação da cultura quilombola? Justifique”, foi entrevista para o perfil de coordenador e o perfil de professor. As respostas a seguir refletem a prática desenvolvida nas escolas no referido município.

As Coordenadoras 1 e 2 reforçam a mesma tese, revelando que a base curricular comum é prioridade nas escolas:

Eu acho que não. Eu acho que aqui é mais dado ênfase à base curricular normal mesmo, não é dado essa... não tem essa formação para que os professores tenham essa base de se trabalhar a educação quilombola dentro das escolas. Eu acho que precisaria ter mais formações nessa área, para que o professor estivesse mais à par do que é realmente e como deveria ser trabalhado isso nas escolas atuais. (Coordenadora 2)

A Professora 3 diz que apesar dos desafios diários enfrentados pelos quilombolas, ela incentiva os alunos a acreditarem que é possível alcançar uma vida melhor por meio de luta e perseverança. Ela destaca a importância da motivação intrínseca, que vem de dentro de cada um, combinada com a motivação extrínseca, que vem de fora, para alcançar objetivos. Na entrevista, também conta sobre uma dinâmica realizada em sala

de aula, que gerou muita alegria e risadas entre os alunos quilombolas. Ela menciona que é necessário trazer motivação, alegria e valorização para que os estudantes se engajem e permaneçam na comunidade escolar.

Como a gente está começando agora, e eu comecei a observar, são várias coisas que eles precisam ser atendidos. Primeiro, uma escola adequada, eu creio que tudo tem que ser no geral, eles precisam de uma qualidade de vida, como qualquer outro povo, que na verdade todos são iguais, e vêm de diferentes etnias, e que eu percebo assim que eles precisam de muita coisa lá para eles terem uma qualidade de vida digna.

Ela é assim, é só questão de boa vontade, e como eu falei, está começando agora, é numa casa de família, que foi doada, a menina disse que a gente pode usar até, como cresceram, se criaram mais duas turmas, a gente está numa casinha de barro, a gente organiza na medida do que pode, adaptou os ventiladores, fizemos a ligação adequada lá, para que eles tenham condições de querer ficar no ambiente, para o que pode, para ter a presença deles, para permanecer, e para a aula hoje dizer, eu vou amanhã, porque apesar do ambiente é tão simplesinho, mas está dando para ir, mas eles estão numa esperança, que um dia eles tenham tudo que de fato, eles merecem. (Professora 3)

Eu acredito que sim. Eu acredito que é uma coisa que não pode se deixar perder e esquecer. Que por mais que eles estejam lá passando outros conhecimentos em relação à educação, mas que as nossas raízes realmente de onde nós viemos e o que somos, tem que ser reforçada, tem que ser ensinada para esses alunos quilombolas.

Ah, eu falo, eu dou exemplos. Falo como eu mesma me identifico e que minha família é quilombola e que é importante se aceitar quanto quilombola. É importante buscar a origem. É importante entender a crença, a religiosidade que envolve a cultura. Isso eu sempre gosto de falar, principalmente quando eu estou em uma aula de arte que envolve a questão da dança, das músicas. Eu gosto muito sempre de falar, de dar meus depoimentos, de falar porque eu sou... Ah, mas a professora não mora lá. Porque muitas vezes acha que a gente necessariamente precisamos morar lá dentro pra ser. E não, você não precisa. Você pode estar em qualquer lugar do mundo para você se identificar quanto ser alguma coisa. Ser quilombola, né? Então, dou exemplos para dentro de casa, para meus filhos. Ele ainda é muito pequeno, mas o mais velho entender o que é que realmente ele quer ser. Se ele quer ser quilombola, se ele se aceita indígena. Pode ficar tranquila, deixa ele brincar. (Professora3)

A Liderança 2 e Professora 2 revela que independente de formação trabalha com seus alunos o ser quilombolas, entretanto enfrenta muita dificuldade por causa do currículo do município. Afirma que o trabalho que ela realiza na educação infantil, valorizando a própria comunidade, tem contribuído para fortalecer a identidade dos alunos. Ela trabalha com suas turmas não apenas as questões básicas da cultura quilombola, como o nome da escola e histórias dos patriarcas, mas também a própria compreensão do que é ser quilombola desde cedo.

E eu sempre trabalho com eles também o ser quilombola, entendeu? E isso é bom por quê? Porque eles já vão crescendo ali e não vão ficar acanhados, sem querer dizer que eu sou o quilombola, que eu me reconheço e me identifico.

Então, esse trabalho, a partir da educação infantil, é de fortalecimento para o desenvolvimento e o fortalecimento da própria comunidade, né? A nossa identidade, a nossa história, porque a nossa história tem que ser contada. Com certeza. E não tem melhor do que de dentro pra fora. Mas o ser quilombola é diário. É diário. Diariamente. Diariamente. Eu sou quilombola, me identifico, por quê que eu sou quilombola, quais são... tudo. Eu sempre estou batendo a mesma tecla com meus alunos. Independente de estar na formação de currículo lá do município, mas eu que tô ali na sala de aula com eles, eu trabalho.
(Liderança 2 e Professora 2)

No entanto, é necessário ir além das iniciativas isoladas de professores engajados. São necessárias ações efetivas para modificar essa situação. Uma das soluções propostas é a criação de um concurso específico para professores quilombolas, que contribuiria para a continuidade e o fortalecimento das comunidades. Além disso, é essencial investir em licenciaturas em Educação Escolar Quilombola, como já acontece em outros estados do Brasil.

O Professor 7 diz que:

Infelizmente, a gente não conhecia nem essa questão quilombola, a questão tradicional. Aqui na comunidade nunca foi trabalhada. Era a base curricular comum. E, de um certo tempo para cá, a gente viu a necessidade. Em 2005, foi feito um documento e fomos reconhecidos como quilombola. E, quando fomos reconhecidos como quilombola, mesmo assim, a escola não fornecia a gente esse material, que hoje a gente vê que é bem rico, é bem amplo, é bem desenvolvido. E nós buscamos isso. Buscamos para a nossa comunidade, hoje ainda na escola, os professores não são quilombolas. Infelizmente, são pessoas comuns, digamos assim, mas buscamos isso. Buscamos que a nossa escola, que o nosso povo, que a nossa cultura sejam desenvolvidas e fortalecidas através dos próprios quilombolas que podem atuar de forma participativa na escola e na comunidade.

A formação adequada dos professores é fundamental para resgatar e valorizar a identidade quilombola dos alunos. É preciso superar os desafios da relação entre professores de fora da comunidade, que muitas vezes não têm conhecimento ou interesse em compreender a cultura e a história quilombola. A inclusão de conteúdos específicos sobre a cultura quilombola na formação de professores e a valorização dos currículos diferenciados são algumas das ações que podem ser adotadas para fortalecer a identidade dos alunos quilombolas.

As perguntas relacionadas a orientação na escola sobre a sua prática pedagógica, a formação de professores e planos de ensino voltados a identidade quilombola dos alunos preservando sua cultura trouxeram elementos que vieram corroborar com permanência no âmbito de escolar e de gestão de práticas que não contribuem, pelo menos diariamente para o fortalecimento da identidade do aluno quilombola, as diretrizes nem sequer são abordadas nos encontros pedagógicos.

A entrevista realizada com “Coordenadora 2” aborda a questão da formação de professores para a comunidade Quilombola em Itacuruba. A entrevistada afirma que as atividades relacionadas à preservação da cultura quilombola não são amplamente trabalhadas na escola, sendo mais focadas na Semana da Consciência Negra. Ela sugere que é necessária uma formação adequada para que os professores possam lidar com essas práticas e aplicá-las em sala de aula.

Não com tanta ênfase como deveria, é sempre mais trabalhada essas questões de quilombola na Semana da Consciência Negra, infelizmente. Não é uma coisa que vem sendo aplicada no currículo escolar, porque aqui também não é uma escola propriamente quilombola, apesar de já ser ler e trabalhar a base curricular quilombola, mas ainda não está sendo da forma que deveria. Normalmente os professores, dentro do currículo de Pernambuco, pegam aquela habilidade só lá para essa data especial, quando é a data de 20 de novembro. (Coordenadora 2)

Uma das entrevistadas que é uma liderança e professora, que tem uma extensa carreira profissional na causa, se tornando renomada por conta de sua pedagogia desenvolvida, inclusive já fez parte de documentários, artigos, TCC e agora lançará um livro se sua vida em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Narra que se prontificou a oferecer formações aos professores do município e do Estado, porém não recebeu convite para tal. Ela acredita que os professores quilombolas devem ser orientados a utilizar a realidade do aluno e o conhecimento que eles possuem em seu contexto local, como a enxada, o velame, a quixabeira, o pinhão, as pedras, a areia e o tipo de barro presentes. Ela possui uma grande preocupação em relação à formação dos professores quilombolas e a falta de orientação específica para trabalhar a educação escolar quilombola nas escolas. Ressalta que, mesmo que existam diretrizes curriculares do Estado para a educação escolar quilombola, os professores quilombolas não recebem formação continuada e não são capacitados para trabalhar de forma adequada com os alunos quilombolas. Mesmo nas escolas municipais de Itacuruba, onde a maioria dos alunos e diz que “Itacuruba é uma cidade essencialmente quilombola”. Mas relata que faz a parte dela na comunidade:

“Enquanto liderança quilombola eu me preocupo com a formação do meu povo, com o bem-estar do meu povo lá no Quilombo. É tanto que hoje estamos com quatro turmas da turma do EJA e que temos as turmas iniciais e as finais, duas iniciais, duas finais e eu sempre procuro. Aí eu tenho um diálogo mais direto com os professores que lá estão e os subsídios que eu consigo pegar, eu consigo passar para elas, explicar e dizer como de fato trabalhar. É tanto que tem uma sobrinha minha que fez a pós-graduação e ela colocou no projeto dela, que foi a minha pedagogia, o porquê? Aí o povo pergunta por que a pedagogia de V.? Porque eu enquanto professora e até hoje, quando eu encontro com o professor oriento, essa minha pedagogia é trabalhar a realidade do aluno, trabalhar utilizando o material que o aluno tem acesso, que ele conhece, que ele sabe. Como, por exemplo, é trabalhar a enxada das minas. Olha, comece a

alfabetizar utilizando a enxada, o velame, a queixabeira, o pinhão, porque é o que eles têm no Quilombo. As pedras, a areia, o tipo de barro. Isso que eles sabem, que eles conhecem, que eles manuseiam. Vai ficar aí? Não. Partindo daí que eles vão crescendo e tendo uma visão mais ampla de um mundo, atual e maior”.

(Liderança 1 e Professora 1)

A formação adequada dos professores é fundamental para resgatar e valorizar a identidade quilombola dos alunos. É preciso superar os desafios da relação entre professores de fora da comunidade, que muitas vezes não têm conhecimento ou interesse em compreender a cultura e a história quilombola. A inclusão de conteúdos específicos sobre a cultura quilombola na formação de professores e a valorização dos currículos diferenciados são algumas das ações que podem ser adotadas para fortalecer a identidade dos alunos quilombolas.

Atualmente, a formação dos professores não contempla de forma adequada as necessidades e singularidades dos alunos quilombolas. A base curricular comum prevalece, relegando a cultura quilombola a um segundo plano. Não há orientações claras sobre como abordar a identidade quilombola em sala de aula, nem momentos específicos de formação voltados para esse tema, como demonstram as narrativas a seguir:

É, justamente foi isso que eu falei anteriormente, precisa de uma formação direcionada a eles, porque como professor a gente vai às formações, mas é no geral, essas formações é no geral, e tem horas que a gente percebe que como o estudo deles lá é outro, nem encaixa bem na realidade das formações que a gente vai. De qualquer maneira, enriquece, é uma soma de saber, não resta dúvida, mas que eles têm que ter a proposta deles para eles. (Professora 3)

Quanto às orientações da escola, Professora 3 menciona que há poucas diretrizes, mas os professores se esforçam em trazer conteúdos que se aproximem da realidade dos alunos para que se sintam valorizados. Ela destaca a importância de uma escola adequada e de qualidade para os estudantes quilombolas, ressaltando que a infraestrutura é precária e precisa ser melhorada.

Como ano passado a gente teve a palestra com uma importante liderança de Negros de Gilú. A liderança de Poço dos Cavalos, infelizmente, não pôde participar. Mas a gente teve e é onde ele falou de forma geral também. Que é da Itacuruba Velha, os povos, como surgiu a família dele. Então foi muito importante passar isso pra os alunados dentro da União Escolar pra entender porque temos essas comunidades aqui no município. Então, formação não, mas reuniões em sentido disso, em relação ao Dia da Consciência Negra, isso sim é feito e pensado uma forma de conscientizar porque a gente vê que as coisas mudou tanta coisa, mas não mudou a questão do preconceito racial. Ele persiste, ele é firme, muito, muito, muito firme da cor, do cabelo, do batom, da vestimenta. Então é muito importante ser pensado isso. É por isso que a gente no ano passado, a gente pensou muito, muito, muito mesmo em relação a isso,

em relatar isso, porque a gente tá vendo que é uma coisa que não se acabou. Principalmente o sentido das mulheres, das mulheres negras, na questão do trabalho, na questão do dia-a-dia, sofrer esse preconceito. Então, foi feito e é pensado dessa forma.

(Professora 4-)

A “Professora 5” narra que:

No caso que nós tivemos fizemos a especialização no IF que está ligada à questão quilombola e indígena mas uma orientação para a gente atuar aqui dentro da rede municipal não tivemos ainda a questão que a gente vê mais que a gente vê mais um pouco dessa questão quilombola é na semana da consciência negra que é uma semana onde você pouco sabe da cultura se apresenta alguma coisa aí já acha que é o suficiente mas não é isso é que enfraquece o movimento quilombola porque quando você falou quando a gente não se conhece a gente não pode buscar algo para nos valorizar isso é evidente e aí eu espero que mude porque eu com 53 anos tenho vivenciado um pouco e isso eu estou vendo se afastar cada vez mais minhas filhas e meus netos não vão se identificar daqui a alguns anos com quilombola porque não existe essa orientação na escola porque eu acho que é na escola que tem que ter essa consciência e ganhar visibilidade porque muitos até tem vergonha de dizer que você é quilombola, hoje não ganhou mais um pouco de visibilidade por conta dessas bolsas que tem do governo federal e alguém quer, aí quilombola é índio mas a não ser isso a visibilidade nossa com quilombola é bem fraca. (Professora 5)

As professoras afirmam que, na rede de ensino em que atuam, os currículos não levam em consideração a identidade cultural dos alunos quilombolas, e que o ensino sobre a cultura quilombola é limitado a eventos esporádicos, como a semana da consciência negra. A falta de conhecimento sobre a cultura e história quilombola faz com que muitos alunos tenham vergonha de se identificar como quilombolas.

Eu acho que realmente isso tinha faltas um planejamento para ser trabalhado para a gente estar orientando quem sabe eu não, mas minhas filhas como você também, nós descobrimos que nós somos também indígenas tanto pela parte do meu pai que é Tuxá e como da parte da minha avó que é Pajéu aqui também, nós somos indígenas e eu acho que falta eu acho que os indígenas já estão um pouco mais avançados nesse sentido de organização o que está faltando para a gente é esse estudo de orientação para que todos se envolvam e possam se organizar eu sinto muita falta dos encontros que havia lá fora os encontros quilombola quando se falava também de educação, de cultura onde eram abordados vários temas e aí de alguns anos para cá eu não tenho conhecimento se isso ainda existe então isso estava nos fortalecendo um pouco porque quando desanimava, tinha a gente vinha com novas ideias chegava aqui, falava o que tinha acontecido e isso acabou aí acabou essa coisa maior aqui no município também fica bem pequeno bem apagado até para nós mesmos, assim da família meu neto sabe, mas hoje em dia aquele é índio do que mais quilombola mas eu me acho mais quilombola do que índio porque eu vivenciei isso vi meu pai contar história estive sempre ao lado deles então eu me sinto mais quilombola do que índio mas tudo isso que é esse pouco desenvolvimento essa pouca visibilidade vai nos enfraquecendo, na verdade é isso aí tá entendendo? e se realmente não tiver uma valorização para rever nossa história e nos fortalecer eu não sei se isso vai muito diante não precisa. (Professora 5)

Além disso, as professoras criticam o novo ensino médio, que consideram um

retrocesso na educação, pois prioriza apenas disciplinas como português e matemática, deixando de lado ciências, história e geografia. Elas argumentam que é importante que os alunos sejam ensinados desde cedo sobre a beleza da cor da sua pele, sobre seus direitos e sobre a luta contra o preconceito.

É basicamente isso que o senhor falou tem que se pensar nessa questão de levar com mais seriedade até a questão referente a nós negros de uma forma mais que tenha visibilidade até para nós mesmo ter que participar mais para ganhar mais força porque se continuar do jeito que está não vai chegar a minha menina a conhecer pode chegar porque eu vou falar mas aí não vai ter essa proporção. (Professora 6)

As professoras sugerem que o ensino da cultura quilombola precisa ser contínuo e planejado, para que os alunos compreendam o que significa ser negro e quilombola, e para que eles se sintam valorizados e capacitados para lutar por seus direitos. Elas destacam a importância de uma formação adequada para os professores, que possa trazer o conhecimento e a visibilidade necessários para fortalecer a identidade quilombola.

Por fim, as professoras mencionam a falta de encontros e atividades que antes fortaleciam a comunidade quilombola, o que as deixam desanimadas e faz com que a cultura quilombola perca visibilidade e força. Elas expressam a necessidade de mais organização e planejamento para fortalecer a identidade quilombola tanto no município onde vivem como em todo o país.

Para garantir uma educação escolar quilombola de qualidade, é fundamental investir na formação e valorização dos professores. Uma proposta de formação para o ensino da educação quilombola, construída com a contribuição da comunidade, pode ajudar a superar estereótipos e preconceitos presentes nos currículos e materiais didáticos. É preciso ensinar desde o pré-escolar sobre as relações étnico-raciais e a história dos diferentes povos que compõem a sociedade brasileira.

Mas vale salientar que expressaram o tempo todo o desejo que os alunos quilombolas tenham acesso a uma educação inclusiva e de qualidade, que valorize sua identidade cultural e ancestralidade.

É fundamental que eles se sintam representados e que tenham espaço para desenvolver sua autoestima e orgulho de serem quilombolas. Além disso, é importante que as escolas ofereçam formação e capacitação para os professores, a fim de que possam trabalhar de forma mais efetiva com essa temática, promovendo atividades, eventos e momentos de reflexão que fortaleçam a identidade dos alunos quilombolas. (Professora 4)

Também é necessário que haja programas e projetos que contribuam para a valorização da cultura quilombola, como visitas às comunidades, palestras, oficinas e

acesso a livros e materiais que retratem a história e as conquistas dessas comunidades. No âmbito social, é fundamental o fortalecimento da economia local, com a criação de oportunidades de trabalho digno e sustentável para os moradores das comunidades quilombolas. Por fim, é importante o combate ao preconceito e à discriminação racial, garantindo que os alunos se sintam respeitados e acolhidos em todos os espaços em que se encontrarem.

Que viessem profissionais da área, especialistas, realmente realizassem oficinas mesmo, não só teoria, porque todo mundo já está cansado de muita teoria, teoria, teoria. Que realmente tivesse oficinas e ensinar esse professor de como lidar com essas práticas e como aplicar em sala de aula. Não só para o professor, toda a equipe gestora, porque não é só o professor que hoje está se preparando dentro das escolas em relação à educação quilombola, é toda uma equipe. Até a gente que faz parte da comunidade, muitos não sabem a sua verdadeira história de como se deu e como se dará, de como se repassar isso para as futuras gerações. (Coordenadora 2)

Relataram sonhos conforme descrito na narrativa emocionante, expressando pelas palavras recebidas, pois reconhece a importância do apoio e encorajamento para a concretização de seus sonhos:

Eu desejo pra eles o mesmo que eu desejo pra mim, enquanto professora. Se hoje eu sou professora, se hoje eu me descobri enquanto quilombola na fase adulta, estudando pra ser uma professora, o meu sonho é ensinar na minha comunidade, é trabalhar com meus familiares, é trabalhar com meu povo, é aprender junto com eles, porque o professor está dentro da sala de aula pra aprender também de conhecimento de mundo, do dia-a-dia e ali a gente aprender mais sobre essa cultura nossa, sobre o direito nosso, sobre tudo isso que nos envolve pra passar pra sociedade, o quanto nós somos importante, não estamos aqui por acaso nem inventados, não. Nós estamos pra ser aceito o que somos de verdade, porque eu me amo como eu sou, como ser pessoa, ser mulher, imagine ser mulher quilombola, ser mulher e professora quilombola. É por isso que quando eu fiz o meu TCC, eu fiz voltado justamente nisso, na importância da educação quilombola dentro da minha comunidade, que eu sinto essa sede de ensinar lá dentro, de ser professora lá. Minha parte eu já estou construindo aqui por fora, pra me concluir quantas pessoas dentro dessa terra, nessa vida, meu sonho é esse, é um dos sonhos que eu tenho, é uma escola na minha comunidade, eu estar lá dentro, ensinando, trabalhando, aprendendo no meu dia-a-dia e exercendo realmente o que eu sou, professora negra, mulher quilombola.
(Professora 4)

6.1.5 A importância da Educação Escolar Quilombola em Itacuruba, Pernambuco, Brasil: Conquistas e Desafios para além das salas de aulas

É indiscutível de necessidade atuar na garantia dos direitos territoriais das comunidades quilombolas. Muitas delas não possuem território titulado, o que dificulta a implementação de políticas públicas e projetos de fortalecimento das comunidades. O

território é fundamental para a preservação das tradições e práticas culturais quilombolas, além de ser um local de sustento e vivência.

O processo de criação de conceitos territoriais e étnicos dialoga com os processos históricos presentes nesses conceitos, com as reflexões e análises elaboradas pela atividade acadêmica, pelas construções realizadas pelo poder público que as utiliza para o reconhecimento legal do que existe socialmente e pelos próprios conceitos das comunidades em questão. Há, portanto, uma diversidade de fatores que operam juntos entre as “criações sociais, feitas simultaneamente de imaginação sociológica, criações jurídicas, vontade política e desejos. (Arruti 1997: 7)

Para Souza (2016. p, 97): Os cenários conflitantes externos se apresentam como elementos que potencializam os enredos internos dos grupos quilombolas. As tramas que envolvem os interesses políticos de agentes do Estado e de comunidades quilombolas, na execução de políticas públicas, por exemplo, são fatores que geram muitos desgastes no movimento e em sua representatividade junto às comunidades.

A reflexão sobre a identidade quilombola passa também pela identidade negra. É importante ressaltar que muitas das comunidades quilombolas se constituem como espaços interétnicos. Essa perspectiva, contudo, não descaracteriza a identidade negra que é fundante para esses grupos. (Souza 2016. p, 97)

Quanto às conquistas do povo quilombola, a Liderança 1 e Professora 1 enfatiza que isso varia de acordo com cada comunidade. Existem comunidades quilombolas, como Conceição das Crioulas, que possuem escolas próprias e estão mais avançadas por terem políticas públicas voltadas para o quilombo. No entanto, a nossa, ainda não houve ações nesse sentido. Ressalta que é necessário a formação, vontade e empenho de cada comunidade para alcançar conquistas e políticas públicas.

Olha, depende de cada área, de cada quilombo. Nós temos comunidades quilombolas totalmente avançadas, como, por exemplo, Conceição das Crioulas e outras da região do Agreste, comunidades que realmente avançam, porque a política pública está aí. É difícil, às vezes, a gente chegar a conseguir uma política pública, mas isso depende da formação, da vontade e do querer de cada comunidade, para que essa política pública chegue até nós. O nosso, por exemplo, nós ainda não fomos contemplados com nenhuma política pública voltada para o quilombo. Nós não fomos, mas temos essa visão e sou conhecedora de comunidades que estão totalmente avançadas, que já possuem escolas próprias a nível estadual, mas sendo quilombola. E a gente aqui, na nossa região, aqui no sertão de Itaparica, principalmente no município de Itacuruba, nós ainda estamos nesse passo de engatinhando. (a Liderança 1 e Professora 1)

A Liderança 2 e Professora 2 aponta que a primeira conquista foi a certificação da comunidade:

A gente, a primeira conquista foi a certificação da comunidade, pra gente foi um grande avanço. E também algumas políticas de educação mesmo quilombola, tem a diretrizes escolar quilombola, que foi aprovada. E assim, nós sabemos

que existem leis, existem diretrizes, mas se a gente não lutar pra ir à busca, não chega na comunidade, não é isso? Mas diante de algumas políticas, a gente já conseguiu algumas melhorias pra nossa comunidade, tanto no meio estrutural, como educacional, entre outros.
(Liderança 2 e Professora 2)

Em relação aos desafios tanto as Liderança 2 e 4 e Professores 2 e 7 acreditam que necessitam a mudança dos professores, permitindo que lecionem os da etnia e que haja concurso específico e necessidade de demarcação do território:

E outra coisa, as pessoas, tem pessoas que é muito iludido nessa questão de cor da pele. Pois é. Porque nem todo negro é quilombola, nem todo quilombola é negro. Pois é, justamente. As pessoas não entendem isso, acham que a cor da pele é que vai... E sem contar, um dos nossos gargalos é a questão do território. Porque tem quilombo que eles não estão ainda porque não têm território. E sem território não tem como ter políticas públicas, não tem como ter ações, projetos. Se não tem um território. O território ali é onde a gente tem nossas vivências, novenários, tirar lenha. A nossa vivência ali é tudo. Reconstruindo. Isso é uma das políticas que o governo deixa muito a desejar. Porque no estado de Pernambuco nós temos mais de 200 comunidades quilombolas. E titulada e assim mesmo não concluída só tem Conceição das Crioulas, se não me engano, e Moingaranhuns. Esqueci o nome, mas ainda está, veja, duas comunidades. E não concluída ainda. Então, precisa de forma urgente de política de fortalecimento aos quilombos. Principalmente a questão do território. Que é do território que a gente tira o alimento, do território que tira a lenha, do território que tem nossa cultura. Do território é a base.

Os desafios são muitos. O primeiro desafio pra gente é a questão dessa mudança de professor, porque tá os professores da comunidade, que se auto-identifica, que tá ali na vivência, aí daqui a pouco muda. Aí às vezes tem professor que não sabe nem o que é ser quilombola, então isso já fica complicado essa relação entre comunidade e escola. Porque tem professores que não são quilombola, que vai pros quilombos, mas que ainda tem um olhar. Mas tem outros que tá nem aí. Eu quero é ganhar meu dinheiro e acabou. Tô nem aí, eu quero ir lá saber história de comunidade. Então um dos desafios são esses de professores de fora, não quilombola, que não tá assim. Que não está na comunidade. (Liderança 2 e Professora 2)

A formação de professores. Acho que um concurso específico pra quilombola. Porque só assim... acaba com esse negócio de tira professor, bota professor, tira professor, bota professor. E isso quebra. Isso quebra tudo porque, como já havia falado antes... A ESCOLA daqui ela é municipal e quilombola. Porque todas as escolas que estão dentro do quilombo, eles têm que colocar lá no censo que ela é quilombola. Agora, se ela estivesse fora do quilombo, aí não. Mas toda escola, mesmo ela sendo municipal ou estadual, se ela estiver dentro do quilombo, ela tem que ser conhecida como escola quilombola. Certo. (Liderança 2 e Professora 2)

Graças a Deus, a gente mora na propriedade nossa, que meu avô comprou, só que no período em que a gente foi reconhecido como quilombola, foi dominado pela comunidade própria quilombola. Porém, nós não temos demarcação ainda. Porque a demarcação é titular do território. A gente não tem ainda. A gente mora no que é nosso. Porém, a gente reconhece que é de todos. Não é um terreno particular, é um terreno comunitário, que a gente trabalha todo mundo junto, a gente cria os nossos animais junto, a gente desenvolve a agricultura, a gente desenvolve aquilo que é importante para o nosso dia a dia, tudo junto, de forma harmoniosa, de forma pacífica, de forma construtora. (Liderança 4 e Professora 7)

Eu acho que primeiro, Cíntia, é a demarcação. Por quê? Porque a demarcação nos dá um direito que é nosso, e que a gente sabe que a gente tem perdido ao longo do tempo. E tendo essa demarcação, essa propriedade da comunidade, fica mais fácil agregar projetos, fica mais fácil viabilizar políticas públicas para ser desenvolvido dentro da comunidade. E a gente pensa nisso, que o nosso povo, que hoje, por exemplo, nós temos aqui dentro do quilombo, nós temos enfermeiro, nós temos psicólogo, nós temos nutricionista, fisioterapeuta daqui. Quer dizer, isso é bom. Agora, é bom estudar, mas voltar com esses recursos para desenvolver, para mostrar que a gente tem potencialidade. (Liderança 4 e Professora 7)

Acontecer essa mudança, primeiro nos professores, eu acredito que teriam que ser pelo menos mais de 50% ou 100% ser quilombola, ou pelo menos lutar pela causa. Hoje nós temos na escola um professor quilombola, e os demais professores nenhum são. E eu acredito na minha visão que nem lutam. E por que eu digo isso, que não lutam pela causa? Porque não tem trabalho desenvolvido nessa área. Não tem trabalho da escola voltado para a comunidade. Então o primeiro passo seria professores quilombola, formação, um curricular quilombola, metodologia, planos para desenvolver a comunidade. E isso não quer dizer que nós não iremos a outros conhecimentos mais amplos. Sim, mas primeiro a nossa raiz. O nosso povo precisa saber, o nosso aluno precisa saber que ele é quilombola. Ele está na escola, mas não sabe o que é ser quilombola. Então tem esse cuidado, até em casa está ensinando, em casa está mostrando a importância de ser quilombola, de ter uma tradição, uma cultura. (Liderança 4 e Professora 7)

Ter o diálogo, e o plano é muito importante porque vai desenvolver até nos próprios professores uma autonomia própria de que ele pode modificar a realidade que ele está vivendo de uma forma positiva, fortalecendo a comunidade, fortalecendo os alunos, fortalecendo o próprio povo quilombola. Isso é importante. Isso é importante por quê? Porque nós temos uma escola dentro da própria comunidade. Dentro do quilombola tem uma escola que os professores não são quilombolas. Veja a contradição. Como é que você vai trabalhar uma cultura que você não está no dia a dia com eles? Você vem da aula, você pega o transporte e volta, às vezes não vai estar um pai, não vai estar alguém, não participa de uma reunião de associação. Você não tem o contato físico com a comunidade, com a necessidade da roça, do campo. Isso é importante. Às vezes espera-se isso e não vem. Mas o plano vai ser importante porque vai reedificar, reconstruir ideias que produzam frutos, conhecimento, que seja valorizado pelos próprios quilombolas e também por aqueles que vão ver. (Liderança 4 e Professora 7)

Sobre as conquistas, todos acreditam que ainda há muito a avançar devido às dificuldades de acesso às políticas públicas e à falta de engajamento na luta. Ela destaca a importância de conquistar o território e implementar a educação escolar quilombola.

A Coordenadora 1 informa que, a comunidade possui uma sede onde ocorrem reuniões e danças para preservar a cultura quilombola. Menciona que, devido à falta de acesso direto à educação do município, eles procuram preservar sua cultura dentro da comunidade.

Qualquer grupo humano, através de seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade de grupo, a proteção do

território, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos. (Munanga, 1994: 177-178)

Apesar do amor e respeito pela cultura quilombola, a Coordenadora 1 destaca que muitas pessoas ainda não se reconhecem como quilombolas. Ela ressalta que a falta de inclusão e representatividade nos livros de história, que retratam o negro de forma negativa, afeta a autoestima da comunidade. É necessário promover o reconhecimento da importância de ser negro e valorizar a beleza da cultura, religião e tradições quilombolas.

Eu creio que pouca coisa. Porque as políticas públicas muitas vezes vêm e não chegam ao destino correto, no caso a nossa comunidade. Por falta de pessoas engajadas na luta, de estar ali correndo atrás dos projetos. E muitas vezes, porque chega no município, é isso. Eu acho que chegar no município não vai chegar em nossas mãos. Às vezes uma política chega para ser desenvolvida de uma forma, mas a quem chega não repassa. E acaba que nós perdemos muita coisa. E pelo fato da gente não ter o território, a gente não tem esse domínio total das políticas públicas. Acho que a gente falta avançar muito em muita coisa. Principalmente na educação escolar quilombola. (Coordenadora 1)

Eu sempre gosto de dizer que a educação nos dá asas para a gente conseguir realizar nossos sonhos, conseguir o que a gente quer. E é algo que eu sempre luto pela educação escolar quilombola da minha comunidade. Peço sempre a Deus que a gente consiga nosso território para que a gente possa vivenciar essa educação específica, essa educação diferenciada para os nossos alunos, para os meus filhos, meus sobrinhos, desde pequeninhos, desde a creche até o ensino médio, para que eles possam conhecer sua história, saber da importância, saber das lutas dos seus avôs, bisavôs, e não estar estudando só a importância de ser negro só em novembro, e dar consciência negra uma semana, no máximo, quando as escolas trabalham. Algo velado, não. A gente luta por uma educação escolar quilombola permanente, dia a dia. E estou muito feliz em participar. Creio que vai ajudar muito, muito nossa comunidade. (Coordenadora 1)

Para a Coordenadora 2 os desafios são muitos. Primeiro, conscientizar toda essa população do que é a história da luta. Porque alguns entram realmente só em busca de benefícios. Não sabem o que é realmente uma luta quilombola, quais seus direitos, por que essa briga por esse reconhecimento. Muitas pessoas acham que é só em busca de algum benefício pessoal. Esse é o desafio maior, conscientizar as pessoas do que realmente essa luta significa para o nosso povo.

Aqui na nossa cidade, acho que poucas coisas foram conquistadas. Mas a gente vê falar muito ali no Conceição das Crioulas que já tem avançado bastante nessa luta. Da luta pela terra, por uma escolha própria. Aqui, não sei nem te dizer muito o que já foi conquistado por aqui. Mas, por enquanto, é só a questão desse reconhecimento mesmo da gente enquanto povo quilombola. (Coordenadora 2)

Aqui na minha cidade, o que eu mais desejo no momento era ter uma escola própria. E que não só o prédio, né? E que as pessoas que fossem atuar fossem todas passadas por esse processo de formação para realmente atuar sendo

conhecedora do movimento. E não estar lá, como eu vejo aqui na aldeia, o pessoal migrando para lá só simplesmente por um emprego. Eu sei que é necessário, todo mundo quer um meio de sobrevivência, todo mundo precisa ganhar o pão. Mas assim, que vá para realmente repassar esses conhecimentos para manter essa questão da nossa cultura sempre viva, passando de geração em geração. (Coordenadora 2)

Sobre as conquistas do povo quilombola, a Professora 3 retrata que as escolas são uma grande conquista, pois antigamente era preciso ir a pé ou se hospedar na casa de parentes para estudar. Ela aconselha os alunos a manterem o interesse de buscar a mudança e conhecer seus direitos para valorizar sua cultura e correr atrás de pessoas que contribuam para o crescimento da comunidade.

Eu, agora, eu digo assim, sempre eu digo para eles, olha, vocês já tiveram uma conquista muito grande, porque para trás, para nós estudar, a gente tinha que ou ir a pés, ou ir para casa de parentes, e hoje vocês têm a escola, a escola vem com tudo de vocês, isso já é uma conquista, e junto com eles, eles já sabem, a gente já reforçou eles, olha, eu não sei como vai ser, por onde vai vir, mas aqui vai ter uma escola de qualidade, que vai ser outra conquista. Vamos aguardar, agora que vocês têm que permanecer firme, com aquele interesse de querer a mudança, e outra, e de passar a ter interesse de conhecer os direitos de vocês, e buscar a realidade, valorizar, e se puder, correr atrás de pessoas que contribuam para o crescimento, desse jeito não pode ficar. (Professora 3)

A Professora 4 traz uma conquista relacionada ao registro das família em Brasília e conta como foi essa trajetória, bem como as cestas básicas, casa recebidas e o curso de Piscicultura na comunidade.

De 2012 para cá. A gente fez novamente outro cadastro oficial, que é o nosso cadastro, está em Brasília até hoje. Tem um cadastro oficial mesmo, que foi feito para enviar para lá, realmente, um quantitativo de pessoas quilombolas. Para mim, foi uma conquista, porque não é coisa inventada. Está lá. Eu tenho QA. Muitos temos nosso QA, que é um documento muito importante, que é uma prova. E, através desse cadastro, a gente teve o benefício de cestas básicas, que até um dia desse, o que veio impedir foi essa pandemia. A gente recebia essa cesta básica, que é uma ajuda para nossas famílias. Tem pessoas mais humildes do que eu, que precisam. E quando vem é num momento muito bom. Já teve lá projetos. Teve uma vez um curso que fizeram alguns alunos de piscicultura lá mesmo, com a quilombola envolvida, lá dentro da nossa comunidade. Se eu não me engano, veio a questão também, eu só não me lembro o ano, vagamente, das casas, que foram construídas umas casas para as pessoas lá, dentro da comunidade, não para todos. Porque de lá para cá, durante esse decorrer de anos, as famílias também vão crescendo, vai aumentando. O número que era anteriormente, não é mais o mesmo de agora. Nós se reunimos anualmente, eventos da Consciência Negra, sempre é feito, em nossa comunidade. Infelizmente também, por conta da pandemia, impediu muito disso acontecer. Tem as Novenas da Santa lá, se eu não me engano, é Nossa Senhora da Saúde, que é feita no mês de janeiro. Eu nunca participei, nunca pude participar, mas tem. É um encontro, é um momento de religiosidade das pessoas da comunidade envolvente, rezar. Os outros da cidade também, que pertencem lá à comunidade, vão. E ter esse momento de oração, isso é muito importante também, para a comunidade. São coisas que, aos poucos, vão acontecendo.

Como desafio a Professora 4 aponta:

Outros desafios é empregos, questão de sustentabilidade, deles precisarem trabalhar, porque muitos vão trabalhar com peixes lá, no coité, outros vivem da renda de Bolsa Família. E é essa questão aí que nos deixa triste, por ver que deveria ter algo lá dentro da comunidade mesmo, que eles produzissem, que fizessem algo para ter seu dinheiro, para se manter. É um desafio, de forma geral, que eu acho, aqui no nosso município. (Professora 4)

Para os Professores 5 e 6 seria uma ótima iniciativa, que o município ouvisse as comunidades quilombolas que existem no município e diante disso poderia traçar metas para incluir a educação escolar quilombola. Então, ouvir, traçar metas, porque a educação escolar quilombola tem que ser diferenciada e específica, de acordo com a realidade dos quilombos e buscando as suas especificidades. Defendem que, se uma pessoa que não é quilombola escreve, traça aquela meta, talvez essa meta não seja destinada da forma como deveria, porque quem é quilombola, é quem sabe como será essa educação.

Eu acho que poderia fortalecer se tivesse um ensino contínuo nem que fosse começar daqui da base aqui nós quanto quilombola ser visto, ser valorizado ser ajudado eu acho que cada um fazendo em sua base esse trabalho de reconhecimento de valorização da pessoa dizer que eu sou igual àquele que é branco eu tenho um pensamento também de crescer de estudar, de me desenvolver e que é possível porque perante a lei, cor não muda nada nós somos iguais nós temos os mesmos direitos então eu acho que deveria ter sim um estudo contínuo, mais planejado com a base do que a gente poderia abordar para que a gente realmente ganhasse e levasse para os pequenos desde já o que é ser negro, o que é ser quilombola. (Professores 5)

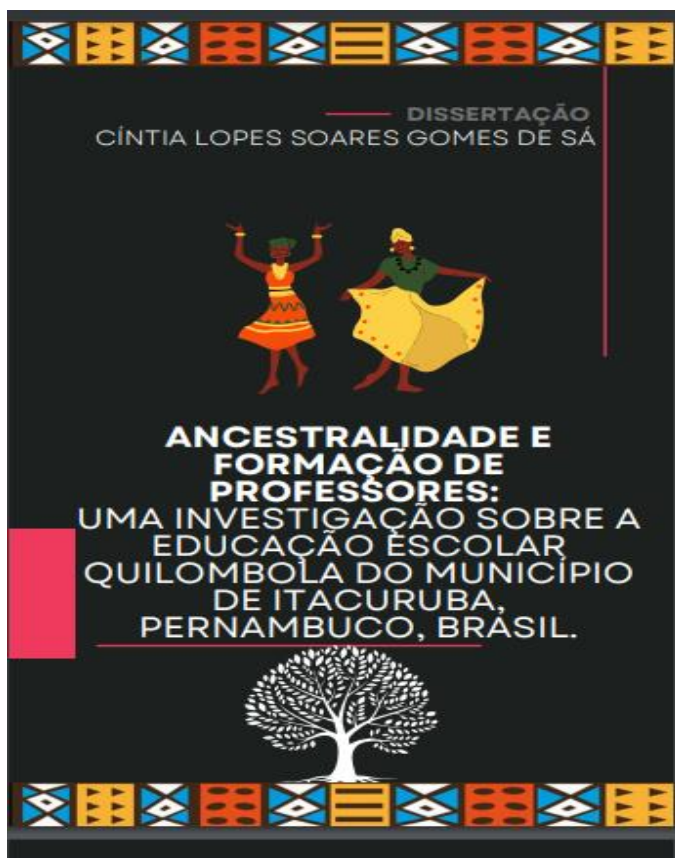
7 Produto Educacional

A participação e representação das comunidades quilombolas na construção e incidência em políticas públicas territorial, regional e nacional têm fortalecido a luta desses povos, sobretudo em relação a uma educação contextualizada para convivência com o Semiárido. Consequentemente, uma das principais justificativas à necessidade dessa nova legislação educacional é o reconhecimento e a valorização da história, da cultura e da contribuição dos negros na sociedade brasileira. Conforme Moura (2007, p.5):

É obrigação da escola a transmissão da história dos quilombos contemporâneos e de sua situação atual. Difundir os saberes dessas populações entre todas as crianças brasileiras é pertinente, como um meio de compreensão e de afirmação de nossa identidade multiétnica e pluricultural, em que se deve basear a defesa consciente dos valores da cidadania.

Assim, espera-se alcançar uma contribuição significativa de maneira direta e indireta com as comunidades quilombolas pesquisados, no sentido de apontar estratégias metodológicas que sejam capazes de provocar possíveis formulações e/ou reformulações curriculares, a partir dos elementos coletados. Bem como, estabelecer um canal de diálogo junto às instituições de ensino não-quilombolas, apresentando as demandas pesquisadas, para que possam contribuir com um novo desenho curricular dessas instituições que recebem grande parte da comunidade quilombola.

O produto educacional a ser apresentado terá como tema: Ancestralidade e Formação de Professores: Uma investigação sobre a educação escolar quilombola no município de Itacuruba, Pernambuco, Brasil.



8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consta-se, a priori, com este trabalho que se faz necessário a reconstrução dos caminhos educacionais percorridos durante décadas sobre a educação escolar quilombola na cidade de Itacuruba-PE. A metodologia utilizada foi positiva pois possibilitou as pessoas dialogarem e exporem seus anseios, bem como as expectativas e sonhos de um novo olhar em relação aos remanescentes quilombolas na sociedade. Demonstraram que tem sentimento de pertencimento, mas passam por tanto sofrimento e discriminação, que as vezes ficam desacreditados que as políticas públicas um dia mudarão a realidade deles. Tem receio das histórias ancestrais de seus quilombos desaparecem com os mais velhos, pois as escolas não tem contribuído para o fortalecimento da identidade dos alunos. Acreditam que uma postura necessária seria a formação para a Educação Escolar Quilombola.

Considero que a Educação Escolar Quilombola desempenha um papel essencial na preservação da cultura, história e identidade das comunidades quilombolas em Itacuruba PE. Apesar dos desafios, a comunidade tem lutado para garantir seus direitos e obter o reconhecimento que merecem. É necessário promover uma formação adequada para os educadores, valorizar a diversidade étnico-racial e incorporar a cultura quilombola no currículo escolar. Dessa forma, será possível construir uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as culturas sejam representadas e respeitadas. É preciso investir nessa causa e buscar formas de fortalecer o protagonismo e a autonomia do povo quilombola na educação.

Termino aqui com o sentimento que ainda existe algo inacabado, mas sigo procurando encontrar novas sensações, novos caminhos, novas experiências. Na certeza da inconclusão e do inacabamento, continuarei sonhando, buscando, persistindo. Concluo aqui com gratidão por esses anos de existência, luta, amor, trabalho...

9.REFERÊNCIAS

- Andrade, Patrícia Gomes Rufino, 1970- **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola** / Patrícia Gomes Rufino Andrade. - Vitória : EDUFES, 2012. 198 p. : il. ; 22 cm. – (Educação do campo. Diálogos interculturais) p 53
- AMORIM, Ana Maria Martins. **Multiculturalismo e etnicidade: os quilombolas e a construção da cidadania no Brasil contemporâneo**. Universitas humanas, v. 8, n. 1, 2011.
- APPLE, Michael W. **Políticas Culturais e Educação**. Porto: Porto Editora, 1999. P, 51
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: **Informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ARRUTI, José Maurício. **Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola**. Revista Contemporânea de Educação, v. 12, n. 23, p. 107-142, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. Ed. Revista e atualizada. Tradução de LuísAntero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2009, 282p.
- BRASIL. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação**.118 Disponível em:<[https:// www.seppir.gov.br/ portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares](https://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares)>. Acesso em: 02 de agosto de 2023.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB Nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Brasília (DF), 2012b.
- BRASIL. **Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, e dá outras providências**. Brasília, 09 de janeiro de 2003. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 05 de agosto de 2023.
- BRASIL. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília : MEC, SECADI, 2013. 104 p. 13-14.
- CEDEFES. **Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Organizadores). Comunidades quilombolas no século XXI: História e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE (CCLF). **Sertão quilombola: a formação dos quilombos no Sertão de Pernambuco**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 2008. P48,51,54.
- CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e isto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CRISPIM, Vera Lucia Leal. **Aprendizagem significativa na educação superior: análise de dissertações e teses brasileiras (2001 a 2014)**. Universidade do Extremo Sul Catarinense. 2018.

FREIRE, P. **Cartas a quien pretenda enseñar**. 5ª edición, siglo XXI editores, S.A. de C.V., México. 1999.

FREIRE, P. **Pedagogía de la autonomía**. Segunda edición, siglo XXI editores, S.A. de C.V., México. 1998.

FREIRE, P. **“Pedagogia do oprimido”**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 118.

FREIRE, P. **“Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GODOY A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar-abr, p. 57-63, 1995.

GOMES, E. **Falas insubmissas: memória e comunicação na obra da escritora Conceição Evaristo** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestra em Comunicação. 2018.

GONÇALVES, Waldicleide de França Santos. **Comunidades quilombolas sob a perspectiva da cidadania multicultural: possibilidade de inclusão?** Revista Brasileira de Sociologia do Direito, v. 3, n. 3, 2016.

HOLDER, Julianne; SILVA, Maria dos Remédios Fontes. **Proteção à identidade indígena e quilombola: uma análise à luz do multiculturalismo e da abertura constitucional**. Revista Digital Constituição e Garantia de Direitos, v. 4, n. 02, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022

LEITE, Ilka Boaventura. **O legado do testamento: a comunidade de Casca em perícia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: NUER/UFSC, 2004.

LIBÓRIO, Andréia Regina Silva Cabral; KILLNER, G. I. **Reflexões sobre o currículo sob a perspectiva da Etnomatemática: possibilidades em uma Escola Quilombola**. ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, v. 21, p. 1-12, 2017.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOURA, Glória. **Proposta Pedagógica Educação Quilombola**. In: BRASIL, Educação Quilombola. Salto Para o futuro. Boletim 10, Junho, 2007.p.5

MOURA, Gloria. **Educação quilombola**. Boletim, n. 10, 2007.

RATTS, Alecsandro. J. P. 2001. **(Re)conhecer quilombos no território brasileiro**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). Brasil afro-brasileiro. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p 310-311.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol; SANTOS, Carlos Afonso Ferreira. **Currículo multicultural como instrumento de empoderamento de escolas quilombolas**. Cadernos de Pós-graduação, v. 17, n. 2, p. 55-74, 2018.

SAVATER, Fernando. (1997): **El valor de educar**. Editorial Ariel S.A., Barcelona

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 5 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1995. p 23

SAUL, Ana María. (coordinadora) (2002): **Paulo Freire y la formación de educadores múltiples miradas**. Siglo XXI editores S.A. de C.V.

SEIXAS, R. **Tente outra vez**. Composição Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta. Disco sonoro: Novo Aeon, Universal, (1975) 2002b

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo e identidade social: territórios contestados**. In: NELSON, Cary; SILVA, T. T. da (Orgs.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.p202

VIDEIRA, Piedade Lino, **Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do Criaú em Macapá e sua Educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.p.379.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA LIDERANÇAS QUILOMBOLAS

O (a) Sr. (a) sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **ANCESTRALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE ITACURUBA.**

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o processo de construção/organização curricular através da investigação da prática pedagógica no ensino fundamental para o fortalecimento da identidade quilombola em escolas em Itacuruba-PE.

A sua participação nesta pesquisa consiste em responder a um questionário sobre dados socioeconômicos dos entrevistados, e participar de uma roda de conversa, na qual se abordará a relação entre história de vida e educação escolar.

Riscos, desconfortos e benefícios: a sua participação é voluntária e não infringe as normas legais e éticas em pesquisas realizadas com seres humanos. O(A) Sr (a). estará exposto(a) a riscos mínimos, a exemplo de algum desconforto diante das perguntas realizadas pela entrevistadora. Logo, deve estar ciente que durante a realização dos encontros pode se sentir desconfortável pelo tempo de sua proposição ou por falar de alguma temática que para ele não seja agradável. Porém, ele é livre para encerrar sua participação a qualquer momento se assim desejar, sem obrigação de ter que dar esclarecimentos aos pesquisadores. Garantimos o sigilo de todas as informações e por isso, a realização da pesquisa ocorre em lugar seguro e no qual não esteja exposto a interrupções externas. A existência de uma relação de confiança estabelecida com a entrevistadora durante a realização do estudo poderá reduzir os riscos e possíveis desconfortos e/ou danos. Se mesmo assim, ainda houver desistência e/ou não desejo de participar da pesquisa, isso será levado em consideração e devidamente respeitado.

O participante voluntário desta pesquisa terá como benefício o melhoramento de sua formação pedagógica, assim como, a comunidade quilombola do município de Itacuruba PE, fortalecendo a ancestralidade.

Sobre a exposição dos dados – garantia de sigilo e privacidade: os dados obtidos nesta pesquisa, inclusive aqueles fornecidos pelos entrevistados, poderão ser publicados em livros e/ou periódicos especializados e/ou divulgados em eventos científicos assegurando, contudo, o sigilo e privacidade obrigatória a respeito de identificação. Armazenamento dos dados coletados: os dados dessa pesquisa serão armazenados em forma de arquivos digitalizados em banco de dados formato Word nos arquivos do computador do professor orientador e/ou da discente pesquisadora.

Forma de assistência: caso ocorra desconforto e/ou risco, os pesquisadores responsáveis, providenciarão assistência imediata, integral e pelo tempo que for necessário. Além disso, os pesquisadores envolvidos se comprometem a prestar assistência imediata, integral e pelo tempo que for necessário a todos os participantes.

Despesas: a pessoa entrevistada não será remunerada para participar dessa pesquisa. Caso haja alguma despesa em decorrência da participação na pesquisa, esta será custeada exclusivamente pelos pesquisadores responsáveis. Não é previsto nenhum tipo de despesa material com alimentação, mas se ocorrer algum dano proveniente da participação na pesquisa, será garantido o direito ao ressarcimento de gastos pontuais relacionados às condições mínimas da participação e não terá nenhum dispêndio financeiro. Caso o entrevistado sofra algum dano durante a participação na

pesquisa, terá cobertura material (indenização) para reparação do dano. Ele tem a liberdade de recusar-se a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou dano.

Sobre questionamentos: os pesquisadores responsáveis pela coleta de dados oferecerão os devidos esclarecimentos a respeito da pesquisa. Se necessário, poderão ser dadas mais informações sobre a pesquisa pela entrevistadora. Para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IFSertãoPE no endereço no endereço: Reitoria 2, Rua Aristarco Lopes, 240, Centro, CEP 56.302-100, Petrolina-PE, Telefone: (87) 2101-2350 / Ramal 2364, <http://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php/comite-de-etica-em-pesquisa>, cep@ifsertao-pe.edu.br, que tem a função de proteger o bem-estar de indivíduos que participam de pesquisas científicas. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Os pesquisadores responsáveis declaram e se responsabilizam pelo cumprimento de todas as exigências éticas de acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde

Se o senhor (a) está de acordo em participar desta pesquisa, por gentileza assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu, _____, abaixo assinado, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa intitulada **ANCESTRALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE ITACURUBA**, e estou de acordo em participar.

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA PROFESSORES E COORDENADORES

O (a) Sr. (a) sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **ANCESTRALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE ITACURUBA.**

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o processo de construção/organização curricular através da investigação da prática pedagógica no ensino fundamental para o fortalecimento da identidade quilombola de escolas em Itacuruba-PE.

A sua participação nesta pesquisa consiste em responder a um questionário sobre dados socioeconômicos dos entrevistados, participar de uma entrevista semiestruturada acerca das práticas pedagógicas utilizadas na educação escolar quilombola. Também haverá uma roda de conversa, na qual se abordará a relação entre história de vida e educação escolar.

Riscos, desconfortos e benefícios: a participação do voluntário não infringe as normas legais e éticas em pesquisas realizadas com seres humanos, logo, ele estará exposto(a) a riscos mínimos, a exemplo de algum desconforto diante das perguntas realizadas pela entrevistadora. Logo, ele deve estar ciente que durante a realização dos encontros pode se sentir desconfortável pelo tempo de sua proposição ou por falar de alguma temática que para ele não seja agradável. Porém, ele é livre para encerrar sua participação a qualquer momento se assim desejar, sem obrigação de ter que dar esclarecimentos aos pesquisadores. Garantimos o sigilo de todas as informações e por isso, a realização da pesquisa ocorre em lugar seguro e no qual não esteja exposto a interrupções externas. A existência de uma relação de confiança estabelecida com a entrevistadora durante a realização do estudo poderá reduzir os riscos e possíveis desconfortos e/ou danos. Se mesmo assim, ainda houver desistência e/ou não desejo de participar da pesquisa, isso será levado em consideração e devidamente respeitado.

O participante voluntário desta pesquisa terá como benefício o melhoramento de sua formação pedagógica, assim como, a comunidade quilombola do município de Itacuruba PE, fortalecendo a ancestralidade.

Sobre a exposição dos dados – garantia de sigilo e privacidade: os dados obtidos nesta pesquisa, inclusive aqueles fornecidos pelos entrevistados, poderão ser publicados em livros e/ou periódicos especializados e/ou divulgados em eventos científicos assegurando, contudo, o sigilo e privacidade obrigatória a respeito de identificação. Armazenamento dos dados coletados: os dados dessa pesquisa serão armazenados em forma de arquivos digitalizados em banco de dados formato Word nos arquivos do computador do professor orientador e/ou da discente pesquisadora.

Forma de assistência: caso ocorra desconforto e/ou risco, os pesquisadores responsáveis, providenciarão assistência imediata, integral e pelo tempo que for necessário. Além disso, os pesquisadores envolvidos se comprometem a prestar assistência imediata, integral e pelo tempo que for necessário a todos os participantes.

Despesas: a pessoa entrevistada não será remunerada para participar dessa pesquisa. Caso haja alguma despesa em decorrência da participação na pesquisa, esta será custeada exclusivamente pelos pesquisadores responsáveis. Não é previsto nenhum tipo de despesa material com alimentação, mas se ocorrer algum dano proveniente da participação na pesquisa, será garantido o direito ao ressarcimento de gastos pontuais relacionados às condições mínimas da participação e não terá nenhum dispêndio financeiro. Caso o entrevistado sofra algum dano durante a participação na

pesquisa, terá cobertura material (indenização) para reparação do dano. Ele tem a liberdade de recusar-se a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou dano.

Sobre questionamentos: os pesquisadores responsáveis pela coleta de dados oferecerão os devidos esclarecimentos a respeito da pesquisa. Se necessário, poderão ser dadas mais informações sobre a pesquisa pela entrevistadora. Para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IFSertãoPE no endereço no endereço: Reitoria 2, Rua Aristarco Lopes, 240, Centro, CEP 56.302-100, Petrolina-PE, Telefone: (87) 2101-2350 / Ramal 2364, <http://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php/comite-de-etica-em-pesquisa>, cep@ifsertao-pe.edu.br, que tem a função de proteger o bem-estar de indivíduos que participam de pesquisas científicas. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Os pesquisadores responsáveis declaram e se responsabilizam pelo cumprimento de todas as exigências éticas de acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde

Se o senhor (a) está de acordo em participar desta pesquisa, por gentileza assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu, _____, abaixo assinado, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa intitulada **ANCESTRALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE ITACURUBA**, e estou de acordo em participar.

Assinatura do (a) informante: _____

Assinatura do (a) pesquisador(a): _____

Local e data: _____

APÊNDICE C
QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO A TODOS OS PARTICIPANTES DA
PESQUISA

1. Nome completo: _____

2. Endereço: _____

3. Sexo: () Feminino () Masculino

4. Faixa etária

- | | | |
|------------------|------------------|----------------------|
| () 18 a 21 anos | () 38 a 41 anos | () 58 a 61 anos |
| () 22 a 25 anos | () 42 a 45 anos | () 62 a 65 anos |
| () 26 a 29 anos | () 46 a 49 anos | () 66 a 69 anos |
| () 30 a 33 anos | () 50 a 53 anos | () 70 a 73 anos |
| () 34 a 37 anos | () 54 a 57 anos | () Acima de 74 anos |

5. Grau de escolaridade

() Ensino superior completo

Outros: _____

6. Estado civil

- () Solteira(o)
() Casada(o)
() Viúva(o)
() Divorciada(o)
() União estável

7. A quanto tempo leciona na escola:

- a) 1 a 5 anos
b) 5 a 10 anos
c) 10 a 15 anos
d) 15 a 20 anos
e) Outro: _____;

APÊNDICE D

ROTEIRO DA ENTREVISTA COORDENADOR

1. Na sua escola, são realizadas atividades voltadas a preservação da cultura Quilombola? Justifique.

2. Quais as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola que fortalecem a identidade dos alunos?

3. Como é o processo de formação de currículo e planos de ensino na sua instituição? Acredita que esses são desenvolvidos pensando na cultura Quilombola? Justifique.

4. Explique o processo de formação docente continuada para os professores que atuam no Ensino Fundamental da sua escola? Essas formações são regulares? Essas formações objetivas preparar o professor para desenvolver práticas pedagógicas com os alunos estimulando a preservação da cultura Quilombola?

5. Quais sugestões que o Sr.(a) propõe para que haja uma melhoria dos currículos e dos planos de ensino voltado para a inclusão social e cultural dos alunos quilombolas do Ensino Fundamental?

APÊNDICE E
ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSOR

1 Acredita que os currículos da sua escola são desenvolvidos respeitando a identidade cultural dos alunos quilombola?

2 Possui algum tipo de orientação na escola sobre a sua prática pedagógica voltada a preservação da identidade quilombola?

3 dos alunos?

4 Realizaste alguma formação continuada nos últimos anos para melhorar a sua prática pedagógicas com intuito de disseminar nos alunos valores e aspectos da cultura quilombola?

5 Teria alguma sugestão para melhor o atendimento do aluno quilombola em sua escola? Justifique.

APÊNDICE F

RODAS DE CONVERSA COM PROFESSORES E COORDENADORES

Tópicos:

Estágio da educação quilombola atual

Atendimento as necessidades dos alunos no que diz respeito a preservação da cultura

Currículo Atual

Necessidade de mudanças no currículo

Necessidade de formação docente

Desafios para uma educação quilombola efetiva

APÊNDICE F

RODAS DE CONVERSA SOBRE HISTÓRIA DE VIDA E EDUCAÇÃO ESCOLAR

Tópicos:

Memórias afetivas família: relações entre família escola e comunidade;

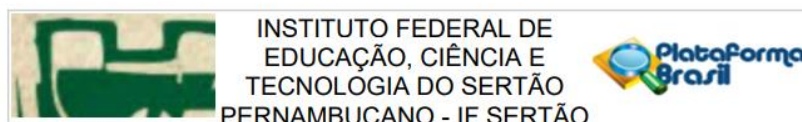
Ser quilombola;

Processo de aquilombar-se da comunidade;

Conquistas e desafios.

ANEXOS A

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANCESTRALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE ITACURUBA

Pesquisador: CINTIA LOPES SOARES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67012322.1.0000.8052

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO SERTAO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.975.993

Apresentação do Projeto:

1

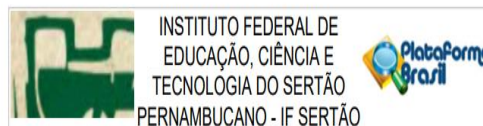
Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2050956.pdf	21/03/2023 17:02:52		Aceito
Outros	CARTEDECOMPROMISSO.pdf	21/03/2023 17:02:31	CINTIA LOPES SOARES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO6.pdf	21/03/2023 17:01:27	CINTIA LOPES SOARES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA6.pdf	21/03/2023 17:01:07	CINTIA LOPES SOARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLES.pdf	21/12/2022 10:55:11	CINTIA LOPES SOARES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHACINTIALOPES.pdf	09/12/2022 12:28:54	CINTIA LOPES SOARES	Aceito

Endereço: Rua Aristarco Lopes, 240, 2º andar, sala 46.
Bairro: CENTRO **CEP:** 56.302-100
UF: PE **Município:** PETROLINA
Telefone: (87)2101-2364 **E-mail:** cep@ifsertao-pe.edu.br

Página 04 de 05



Continuação do Parecer: 5.975.993

Declaração de concordância	SECRETARIA.pdf	05/12/2022 15:59:22	CINTIA LOPES SOARES	Aceito
Outros	ANUENCIAS.pdf	05/12/2022 15:53:13	CINTIA LOPES SOARES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSOESIGILO.pdf	22/11/2022 12:26:31	CINTIA LOPES SOARES	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	15/11/2022 13:05:57	CINTIA LOPES SOARES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PETROLINA, 30 de Março de 2023

Assinado por:
 Ednaldo Gomes da Silva
 (Coordenador(a))

